UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

PHELIPPE MESSIAS DE OLIVEIRA MOREIRA

CONCORDÂNCIA VERBAL E FUNCIONALISMO: UMA PERSPECTIVA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

JOÃO PESSOA/PB
JUNHO DE 2022

PHELIPPE MESSIAS DE OLIVEIRA MOREIRA

CONCORDÂNCIA VERBAL E FUNCIONALISMO: UMA PERSPECTIVA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Português.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues

JOÃO PESSOA/PB

JUNHO DE 2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M838c Moreira, Phelippe Messias de Oliveira.
Concordância verbal e funcionalismo: uma perspectiva para o ensino de gramática no 3º ano do ensino médio / Phelippe Messias de Oliveira. Moreira. - João Pessoa, 2022.
52 f. : il.

Orientação: Tiago Rodrigues.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Gramática. 2. Funcionalismo. 3. Concordância verbal. 4. Ensino. I. Rodrigues, Tiago. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 81'36

Elaborado por MARIA DE FATIMA HENRIQUE JORGE MAIA - CRB-0392/CRB15

AGRADECIMENTOS

Enfim uma jornada de longo tempo e dedicação chega ao fim. Concluir minha formação como professor significa muito, apesar de estar ciente que a graduação termina, mas que o desenvolvimento da docência é contínuo. E tem que ser assim. Sou grato, pois sei que esse processo só foi possível graças ao amparo daqueles que me deram a vida e suas próprias vidas diariamente por mim: meu pai e minha mãe. Agradeço o apoio da minha família, o vínculo forte dos meus tios e tias, especialmente minha tia Mônica, que sempre ficou do meu lado e acreditou em mim; e meu tio Fidelis, que, mesmo com a distância, brindou comigo prazerosas conversas nos momentos em que estávamos juntos e confiou indubitavelmente no meu potencial.

Quero reservar esse espaço, também, para agradecer aos meus amigos, que acompanharam minha jornada desde o ensino fundamental e médio e estão comigo até hoje. Meu caminho até aqui só se concretizou por ter ao meu lado pessoas que, nos piores momentos, me tiraram sorrisos e me fizeram companhia. Encontrar amigos assim é um presente inexplicável do curioso curso da vida. E eu sou eternamente grato por ter sido vocês. Por ter caminhado – e continuar caminhando – com vocês.

Agradeço também aos novos amigos que fiz na graduação, que viveram juntos comigo o pesado fardo de lidar com o ensino superior. Vocês tornaram esse processo muito mais leve. Quero deixar meus agradecimentos, também, aos incríveis professores que conheci no curso. Ao professor Tiago, que aceitou minha loucura de uma hora para outra de mudar o foco da minha formação, conferindo-me suporte e orientação; e à professora Alyere, que me acolheu durante quase toda formação, me guiando com afeto, e que abriu os braços para mim sem nem me conhecer. Vocês são o exemplo de que, sim, é possível mudar e ser um docente significativo na vida dos alunos.

Por último, mas não menos importante, sou eternamente grato pela minha companheira, amiga e namorada, Bruna. De todos a que mais acreditou em mim, que mais se fez presente, que nunca saiu do meu lado, não importando a adversidade. Ela confiou em mim em momentos em que nem eu confiava, impediu que eu desistisse e fez o possível e impossível para me ajudar de todas as maneiras. Boa parte desse processo só foi realizável graças a ela.

O poder da imaginação é a habilidade de
criar seu próprio futuro, e o poder de
criar seu próprio ritmo de tempo.

(Neon Genesis Evangelion)

RESUMO

Apesar de existirem diversos estudos sobre alternativas para rever o ensino de gramática nas escolas, ainda toma conta das salas de aula o modelo tradicionalista de se analisar a língua. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo principal contrastar essas práticas engessadas com a perspectiva de ensino que busca nas teorias linguísticas a construção de um saber mais significativo da língua, com foco específico na abordagem do Funcionalismo clássico. O recorte feito busca aplicar as teses da vertente linguística na análise da concordância verbal e como esse conteúdo é ensinado em sala de aula. O estudo, por sua vez, foi concretizado em uma turma do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede privada do município de João Pessoa, na Paraíba. Para isso, o trabalho aqui realizado se divide em três frentes, investigando os materiais didáticos utilizados comumente no ensino de gramática; refletindo sobre as produções textuais dos alunos; e analisando os resultados da aplicação de um questionário com base nessa teoria. Dessa forma, a pesquisa se apoia nas teorias de Abreu (2012), Bagno (2007; 2011), Cunha (2011), Cunha e Tavares (2016), Mendonça (2004) e Rodrigues (2011) no que diz respeito à discussão das práticas de ensino de gramática e no contraste com o Funcionalismo, bem como na aplicação do conteúdo de concordância verbal em sala às vias dessa perspectiva. O cruzamento desse suporte teórico com a pesquisa, apontou, primeiramente, inúmeras lacunas que permeiam o processo do ensino de gramática segundo o viés tradicional que tornam este muito superficial e descolado da realidade prática do uso da língua, mas também, principalmente, conferiu um leque de possibilidades para se repensar e reconstruir a prática docente, fugindo de fórmulas restritivas e discriminatórias, mas que, acima de tudo, carecem de significação para os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Funcionalismo. Concordância verbal. Gramática.

ABSTRACT

Although there are several studies on alternatives to review grammar teaching in schools, traditionalist model of analyzing language still take over the classrooms. Thus, the main purpose of this research is to contrast these restricted practices with the teaching perspective that seeks in linguistic theories the construction of a more meaningful language knowledge, with a specific focus on the Functionalist approach. The aim is to apply the theses of this linguistic approach to the analysis of verbal agreement and how this content is taught in classrooms. The study, in turn, was carried out in a third-grade high school class in a private school in the city of João Pessoa, Paraíba. To this end, the work done here is divided into three fronts: investigating the didactic materials commonly used in grammar teaching; reflecting on the students' textual productions; and analyzing the results of the application of a questionnaire based on this theory. Thus, the research is based on the proposals of the official documents for education in Brazil and on the theories of Abreu (2012), Bagno (2007; 2011), Cunha (2011), Cunha and Tavares (2016), Mendonça (2004) and Rodrigues (2011) in what concerns the discussion of grammar teaching practices and the contrast with Functionalism, as well as the application of the content of verbal agreement in the classroom through this perspective. The crossing of this theoretical support with the research pointed out, first of all, countless gaps that permeate the process of grammar teaching according to the traditional view that make it very superficial and detached from the practical reality of language use, but also, mainly, conferred a range of possibilities for rethinking and rebuilding the teaching practice, escaping from restrictive and discriminatory formulas, but that, above all, lack meaning for students.

KEYWORDS: Teaching. Functionalism. Verbal agreement. Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia da questão 1 de Estudante 1 33

Figura 2 – Fotografia da questão 1 de Estudante 2 34

Figura 3 – Fotografia da questão 2 de Estudante 3 35

Figura 4 – Fotografia da questão 2 de Estudante 4..... 35

Figura 5 – Fotografia da questão 3 de Estudante 5..... 37

Figura 6 – Fotografia da questão 3 de Estudante 6..... 37

Figura 7 – Fotografia da questão 3 de Estudante 7..... 38

Figura 8 – Fotografia da questão 4 de Estudante 8..... 39

Figura 9 – Fotografia da questão 4 de Estudante 9 39

LISTA DE SIGLAS

LP	Língua portuguesa
EM	Ensino médio
CV	Concordância verbal
PB	Português do Brasil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. A CONCORDÂNCIA VERBAL NOS MATERIAIS DIDÁTICOS E EM SALA DE AULA 13

2.1 Iconicidade, marcação e gramaticalização em concordância verbal 19

3. A CONCORDÂNCIA VERBAL NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS 24

4. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS SOBRE CONCORDÂNCIA VERBAL 30

4.1 A elaboração do questionário 30

4.2 Resultados da primeira questão 31

4.3 Resultados da segunda questão 34

4.4 Resultados da terceira questão 36

4.5 Resultados da quarta questão 38

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

REFERÊNCIAS 43

ANEXOS 45

1. INTRODUÇÃO

Concordância (ABREU, 2012) é um processo linguístico em que *nomes* (adjetivos, artigos, numerais e pronomes) e *verbos* flexionam-se a partir do substantivo, assumindo marcas de gênero e número, no caso dos nomes; e de número e pessoa, no caso dos verbos. Abreu (2012, p. 159) afirma que "os processos de concordância delimitam, dentro de uma oração, agrupamentos de palavras em torno de substantivos e em torno de verbos".

Concordância verbal (doravante CV), por sua vez, é um desses processos que trata do recorte específico em que os verbos assumem características, como explicitado anteriormente, de número e pessoa de outras palavras, sendo a com mais ocorrências o *sujeito*. O verbo é um dos principais elementos argumentativos dentro da língua, pois ele se apresenta como um maior catalisador de construções comunicativas complexas.

Como centro da *oração*, o verbo desempenha papel sintático, semântico e discursivo fundamental, pois pressupõe a existência (ou inexistência) de um sujeito que, numa perspectiva semântica, geralmente pratica a sua ação, ou ao qual, numa perspectiva pragmático-discursiva, geralmente se refere, e, além disso, pode reger os demais complementos que compõem o significado da informação do enunciado que está sendo construído a partir desses dois. Partindo disso, ao retomar o conceito já exposto sobre concordância, podemos inferir que esse processo, por delimitar o agrupamento de palavras, é fulcral para a manutenção do sentido de um texto.

> Isso facilita o entendimento do texto, uma vez que, quando ouvimos ou lemos alguma coisa, seguimos inconscientemente as pistas de concordância. No caso exemplificado[1], mesmo que fizéssemos alguma mudança de ordem, o entendimento ficaria assegurado pelos processos de concordância. [...] Por esse motivo, podemos dizer que a concordância é um dos fatores responsáveis pela coesão interna de uma oração (ABREU, 2012, p. 159).

Estipulada a devida importância desse fenômeno para a construção textual, urge a necessidade de analisar como se aplica a análise metalinguística da norma nas salas de aula de língua portuguesa (doravante LP), bem como o uso desse fenômeno nas produções dos alunos. Muito se discute sobre o quanto as formas tradicionais e prescritivas de ensino de gramática dominam o espaço da sala de aula. Considerando esse cenário, é fácil identificar formas engessadas, superficiais e, até mesmo, errôneas, as quais estão sendo trabalhadas no ensino. Sobre isso, Bagno (2011, p. 641) afirma que:

[1] "[[As *nuvens* negras] cobriam [o largo *horizonte*].]" (ABREU, 2003, p. 159, grifos do autor).

> A concordância verbal é decerto o fenômeno linguístico que mais tem se prestado – junto com a concordância nominal – a servir de instrumento sociocultural de separação entre os que falam "certo" e os que falam "errado". Por isso, no trabalho da educação linguística, é imprescindível que a professora conheça a fundo os elementos que governam esse fenômeno linguístico e, principalmente, que se liberte de uma série de ilusões que a tradição normativa conseguiu impor ao longo dos séculos. (BAGNO, 2011, p. 641)

O que o autor pontua é a necessidade de se pensar no ensino mais voltado para pesquisa, em que o docente em sala de aula não fique limitado pelas concepções que a gramática tradicional construiu em torno da LP ao longo dos anos. Uma das consequências de anos enxergando a língua como esse conjunto de regras é como os alunos passaram a enxergar as aulas de gramática e, a partir disso, criam expectativas em torno dela. O "estranhamento" causado por uma aula em que se discute muito mais algum aspecto linguístico através de um texto, ou de um debate acerca de um tema que o envolve, é facilmente percebido. Enquanto que em uma aula em que a dinâmica é escrever uma lista de regras no quadro e, em seguida, aplicar exercícios sobre elas é o "esperado" por esses alunos – mesmo que no fim das contas essa aula seja muito menos significativa.

Visando construir um ensino mais significativo do processo em foco, foi analisada e selecionada uma abordagem de ensino que se apoia nas perspectivas que a linguística funcional oferece como método de análise da língua. Sobre a abordagem funcionalista e ensino de gramática, Cunha e Tavares (2016, p. 14-15) afirmam que:

> A concepção por nós defendida é a de língua enquanto atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada. A língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação. A língua está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 14-15).

Para compreender o fenômeno linguístico, é necessário se desprender da visão fechada de que conhecer a língua é, somente, conhecer suas regras. Ainda mais quando essas regras não encontram suporte nas situações reais de comunicação. Portanto, a concepção de língua defendida pelas autoras foi adotada na atuação em campo deste trabalho. A interação comunicativa é, e deve ser, o foco no ensino de LP, pois é na interação que encontramos o verdadeiro propósito do sistema linguístico.

Este estudo se debruça sobre o trabalho de ensino do aluno-pesquisador em uma escola privada do município de João Pessoa, na Paraíba. Foi selecionada uma turma do 3º ano do

Ensino Médio (doravante EM) para a análise, haja vista que os alunos dessa etapa estão no fim da vida escolar, com foco na preparação para o ingresso na vida acadêmica. A iminência do vestibular ao fim do ano letivo cria nos alunos a necessidade de buscar por maior domínio das suas construções textuais e argumentativas. Para evitar a exposição das partes envolvidas, tanto o nome da escola, quanto dos alunos se manterão anônimos.

O objetivo geral deste trabalho é propor uma ressignificação do ensino de concordância verbal a partir da teoria funcionalista. Esse se divide em objetivos específicos, os quais são: analisar como é feito o ensino de concordância verbal em sala de aula; apontar de maneira crítica o ensino normativista de gramática, sobretudo deste conteúdo; e apresentar e realizar o contraste da perspectiva funcionalista como alternativa para a reconstrução da prática de ensino. Dessa forma, a presente hipótese encontra subsídios nas teorias de Abreu (2012), Bagno (2007; 2011), Cunha (2011), Cunha e Tavares (2016), Mendonça (2004) e Rodrigues (2011), além de se apoiar nas disposições dos documentos oficiais para o ensino de LP no Ensino Médio, tais como a BNCC (BRASIL, 2017) e os PCNs (BRASIL, 1998).

O desenvolvimento desta proposta se divide, como destacado anteriormente, em três partes. Na primeira delas, é discutido o conceito de CV; como esse conceito é explorado pelas gramáticas tradicionais e, assim, reproduzido em sala de aula. É discutido ainda de que forma essa abordagem perpetua preconceitos linguísticos e prestigia uma norma idealizada em detrimento de situações reais de uso. Por fim, são apresentadas reflexões sobre a linguística funcional que podem ressignificar o ensino tradicional de concordância.

A segunda parte, por sua vez, trata das consequências da abordagem tradicionalista. Usando como base as noções que os alunos já trazem consigo – considerando o *status* desses alunos como concluintes do EM – do que eles construíram até o momento desse diagnóstico sobre o determinado assunto. Aqui o foco foi perceber o quanto os alunos estão (ou não) condicionados a noções puristas de certo e errado sobre CV, que os impedem de compreender o fenômeno em sua totalidade.

Na terceira parte, são analisados, por fim, os questionários que foram responsáveis por verificar o resultado do possível novo conhecimento construído com esses alunos a partir da perspectiva para esse fim selecionada. São destacadas algumas respostas feitas por eles para que seja possível investigar que contribuições a linguística funcional pode oferecer para o desenvolvimento desse conteúdo.

2. A CONCORDÂNCIA VERBAL NOS MATERIAIS DIDÁTICOS E EM SALA DE AULA

O grande problema do ensino tradicionalista de gramática é a forma como essa prática, primeiro, prestigia determinados usos da língua em detrimento de outros, relegados a serem encarados como formas inferiores, sistematicamente "errados"; e, segundo, como ela cria mecanismos puramente superficiais de análise linguística, colocando os conteúdos em blocos que são regidos por regras que em nenhum caso podem ser repensadas ou questionadas.

Fato é que essa prática se baseia simplesmente em olhar como era utilizado o Português do Brasil (doravante PB) por escritores clássicos, considerados canônicos, e entender aquelas formas de escrita como a norma-padrão da língua, sem analisar uma série de outros fatores que influenciam o uso da língua, como as próprias variações, sejam elas sincrônicas, sejam elas diacrônicas. Bagno (2003, p. 641) aponta que "[...] não existe ninguém que realize a concordância em todas as circunstâncias previstas pela gramática normativa, nem mesmo em textos escritos mais monitorados". Isso quer dizer que a gramática tradicional postula dezenas de regras para se fazer concordância que na prática da língua - em situações reais de comunicação – não encontra concretização, devido a uma série de fatores sobre a língua que não são considerados por quem dita essas "leis".

Não é que não seja necessário entender como se faz a concordância dentro da norma-padrão. O grande conflito reside no fato de que essa abordagem restringe os alunos a pensar apenas em regras muito fechadas em si, sem considerar a multiplicidade de contextos comunicativos, muito menos o fato de que essas supostas regras podem funcionar para determinado cenário, mas para outro, não. Esse é um dos fatores contribuintes para noções muito restritivas da língua, repercutindo, assim, noções como o ditado que diz que "o problema da gramática não são as regras, são as exceções".

Para a discussão deste capítulo, foram analisadas gramáticas tradicionais (SACCONI, 2005; ALMEIDA, 2009) e escolares (PASCHOALIN; SPADOTO, 2014; CEREJA; VIANNA, 2020), além do livro didático de gramática para o ano de 2022 da turma do EM em foco (SM EDUCAMOS, 2020). Esses materiais, como podemos observar, são muito parecidos entre si, pois adotam a perspectiva normativista da língua, cujo objetivo é propor a forma "correta" do uso desta, tal qual faziam os escritores consagrados da nossa literatura. Logo, a diferença entre "tradicional" e "escolar" se dá apenas na finalidade com a qual esses materiais foram

produzidos – sendo uma delas, a escola, feita com o intuito direto de ser utilizada em sala de aula.

> Portanto, a gramática tradicional/escolar é apenas mais uma das inúmeras gramáticas existentes: o recorte que ela se propõe a fazer permite que alcancemos determinados objetivos, como a unidade na língua escrita formal; entretanto, outros objetivos - e não são poucos - ficam pelo caminho (RODRIGUES, 2011, p. 54).

Essa limitação conceitual cria uma série de consequências para o ensino de LP, a visão extremamente superficial e preconceituosa da língua e seu uso é uma delas. O intuito dessa análise foi, primeiramente, entender o que esses materiais dizem e estipulam sobre CV; em seguida, verificar de que forma eles apresentam e desenvolvem o estudo sobre o assunto; e, por fim, compará-los para verificar em que aspectos eles se assemelham e se diferenciam.

O primeiro dos problemas que é possível perceber ao explorar a CV nos materiais didáticos é a definição desse fenômeno. O tradicionalismo gramatical adota uma postura meramente sintática acerca de um conceito que aponta para outros fatores como o semântico e o pragmático. Assim, estabelece a concordância, em via de regra, como a relação direta em que o verbo deve sempre concordar com o sujeito da oração. Sacconi (2005, p. 233) afirma que a concordância verbal "[...] consiste na concordância do verbo com o sujeito, havendo, portanto, necessidade de existir oração".

Esse problema de definição revela a natureza da prescrição que estabelece como a concordância deve, ou não, ser feita, transformando o que seria conceituação na famigerada regra geral. É o que podemos observar no texto de Almeida (2009, p. 441) quando este indica que "O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Quer isso dizer que o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito".

Essas definições existem e se tornam regra dessa forma, pois partem do princípio de que a língua opera a partir de relações meramente sistemáticas, ou seja, não compreendem o fator linguístico como algo vivo, mutável, que é diretamente influenciado por fatores históricos, culturais, sociais e psicológicos. Assim, criam-se mecanismos estáticos para realizar a análise linguística.

É por causa desses mecanismos que as já citadas exceções enchem as páginas das gramáticas e distanciam os alunos da prática concreta da língua. Como é possível definir de forma tão fechada um fenômeno que produz inúmeros usos para múltiplas situações comunicativas? Essa resposta só é positiva a partir do recorte específico da escrita formal. A mera observação da estrutura desses textos – entre si, muito semelhantes – permite essa inferência.

Ao tratar da sintaxe de concordância, em específico a de CV, Sacconi (2005, p. 241) divide as regras desse conteúdo entre aquelas que tratam do sujeito simples e aquelas que tratam do sujeito composto. Basta uma pequena investigação para encontrar divergências com o próprio conceito estabelecido pelo autor:

> 'Nenhum de nós **sabíamos** disso'. Não, agora você colocou os pés pelas mãos. Tome bastante cuidado com as expressões **de nós**, **de vós**, **de vocês**, **deles**, **delas**. Se antes de qualquer delas vier um pronome no singular, o verbo concordará com ele, pronome. Portanto: '**Nenhum** de nós **sabia** disso'[...] (SACCONI, 2005, p. 242, grifos do autor).

Ora, se a concordância é um fenômeno que "consiste na concordância do verbo com o sujeito" (SACCONI, 2005, p. 233), há de se pensar que, considerando a perspectiva adotada, ela será feita com o núcleo desse sujeito. Assim, quem "sabia" – ou executa a ação de saber –, como a gramática tradicional gosta de apontar, é, por essa regra, o pronome indefinido "nenhum". O autor trata isso como algo lógico, uma vez que estão dispostos todos esses mecanismos para compor a sua tese.

Nota-se, porém, que, logo em seguida, ele abre uma exceção direta para essa regra: "Se, porém, antes de qualquer daquelas expressões, vier pronome **no plural**, o verbo concordará com o pronome que faz parte da expressão. Ex.: Alguns de **nós viveremos** até lá [...]" (SACCONI, 2005, p. 243, grifos do autor). Se esse sistema é tão concreto, por que para esse segundo caso não se aplica a lógica anterior? Esse é o tipo de questão que a gramática tradicional não consegue explicar. É assim, porque anos atrás, autores renomados – cânones –, de escrita prestigiada escreveram dessa maneira, logo, o padrão da língua deve ser esse.

Almeida (2009, p. 441) também adota essa mesma estrutura em seu texto para apontar as regras de concordância. Estabelece uma regra geral para o sujeito simples – já exposta neste capítulo – e trata de "regras especiais" logo em seguida. Destacando uma delas: "Preço, quantidade, porção – Quando o predicativo é *muito, pouco,* o verbo fica geralmente no singular: 'Cinco mil libras *é* muito' – 'Dois capítulos *é* pouco' – 'Seis anos *era* muito' – 'Dez dólares *pode* parecer pouco, mas não é'." (ALMEIDA, 2009, p. 443, grifos do autor).

Fica claro que, nos exemplos citados, o verbo está fazendo concordância com a palavra que qualifica o sujeito, portanto seu predicativo. Uma vez que "Está claro que o verbo é que deve concordar com o sujeito e não o sujeito com o verbo, porque é o verbo que depende do sujeito e não o contrário" (ALMEIDA, 2009, p. 441), como interpretamos a dependência do verbo para com o sujeito nesses casos? É simplesmente lógico pensar que tal afirmação não encontra subsídios linguísticos que a corroborem.

A concordância do verbo com o predicativo também é centro de outra das particularidades descritas pelo autor mais à frente, quando ele destaca a concordância com o sujeito composto:

> Há certos casos curiosos em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Constitui esse um fenômeno de 'concordância por atração' e se opera sempre que na oração entra o verbo *ser* ou *parecer* e um sujeito constituído de *o*, *aquilo*, *isso*, *isto*, *tudo*: 'Isto (suj.) são (v.) histórias (predicativo)' (ALMEIDA, 2009, p. 454, grifos do autor).

O que é "concordância por atração"? Se é possível que o verbo faça concordância com outro termo que não o sujeito, por que pré-estabelecer que ele depende do sujeito? Ou sempre concorda com ele? As respostas dessas perguntas vêm à tona quando deixamos de considerar a língua como um conjunto de regras a que devemos obedecer.

O segundo problema, que toma forma no ensino geral de LP, reside em como essas regras adentram as salas de aula. O professor traz para seus alunos uma bagagem de definições gramaticais fechadas, a fim de que eles escrevam "bem"; contudo, essa boa escrita parte de princípios muito rasos, os quais determinam que o bom português é aquele que conserva a escrita clássica, dos grandes autores da literatura, com uma ou outra mudança, apenas para adaptar-se à contemporaneidade.

Essa é uma noção muito limitada de língua, que opera apenas a partir dos parâmetros de "certo" e "errado", conceitos esses amplamente adotados por indivíduos que se sentem detentores de todo o conhecimento gramatical – como se isso fosse possível –, pois dominam o saber das regras elencadas pela gramática tradicional. Sobre isso, Bagno (2007, p. 61) afirma que "[...] é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de 'certo' e 'errado' são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo".

Assim, por essa dualidade estar tão enraizada na construção – sistematicamente muito conservadora – da nossa sociedade, o que mais penetra o espaço da aprendizagem escolar são esses conceitos, pois vêm da cobrança das escolas, dos pais, do material didático e, até mesmo, dos próprios alunos, que, com o tempo, acabam absorvendo somente isso como o modo adequado de se aprender a LP.

Esse fenômeno é muito facilmente observado ao folhear gramáticas de nível escolar. Ao abordar a CV, Paschoalin e Spadoto (2014, p. 285) apontam que se trata do estudo das "relações de número e pessoa que se estabelecem entre o verbo e o sujeito a ele relacionado". Esta é uma

definição mais interessante, ainda que limitada, do fenômeno. A semelhança entre esse texto e os conceitos da gramática tradicionalista começam a aparecer após essa definição.

Ao estabelecer que "nessas relações, dois fatores são levados em conta: o tipo de sujeito e a sua posição em relação ao verbo" (PASCHOALIN; SPADOTO, 2014, p. 285), os autores, primeiro, abrem precedentes para as tais exceções às regras que eles mesmos vão estabelecer; segundo, elaboram uma estrutura de regras metalinguísticas que apenas dá continuidade a esses ideais de "certo" e "errado" trazidos pela gramática tradicional.

Dessa forma, acabam esbarrando em armadilhas criadas por essa mesma concepção, então é possível identificar a repetição de normas tidas como particularidades às regras de concordância das gramáticas tradicionais citadas anteriormente.

> O verbo **ser** nem sempre concorda com o sujeito. Em alguns casos, sua concordância depende do tipo de palavra que forma o **sujeito** e o **predicativo do sujeito**. Ligando sujeito e predicativo de **números diferentes** (singular / plural), o verbo **ser** toma a forma **plural**: se os dois termos forem formados de **nomes de coisas**. Exemplos: [...] A blusa **são** uns *retalhos coloridos* (PASCHOALIN; SPADOTO, 2014, p. 293, grifos das autoras).

Esse problema de definição – que acarreta os demais conflitos entre as regras de concordância – chega, também, ao livro didático utilizados pelos alunos da escola em que este estudo foi aplicado: "Concordância verbal é a relação de harmonia estabelecida pelas flexões de pessoa e número entre o sujeito e o verbo da oração" (SM EDUCAMOS, 2020, p. 411). O que é essa relação de harmonia? Como explicar, a partir disso, um conceito tão vago para os alunos?

O desenvolvimento do assunto, em seguida, não contribui para responder a essas perguntas: "A harmonia entre o verbo e o sujeito, possibilitada pela concordância verbal, pode ser expressa entre um verbo e um sujeito simples ou entre um verbo e um sujeito composto" (SM EDUCAMOS, 2020, p. 411). Essa tese, além de imprecisa, apenas é complementada com a ideia de que existem regras específicas de concordância para o sujeito simples e para o composto, sem trabalhar de fato o que é o fenômeno linguístico. A estrutura desses textos é muito parecida. Partindo sempre de exemplos soltos, descolados de uso ou de qualquer desenvolvimento a partir de um gênero textual – como pressupõe a BNCC (BRASIL, 2017, p. 80) para o eixo análise linguística –, e elencando, em decorrência disso, uma série de regras que trazem consigo uma série de exceções.

O material de Cereja e Vianna (2020) afirma, logo em sua capa, que a perspectiva adotada pelos autores em seu texto está em comum acordo com o que propõe a BNCC

(BRASIL, 2017). É perceptível a diferença de configuração entre esse material didático e os outros. De antemão, a definição de CV atribuída é "[...] a concordância entre o verbo e seu sujeito, em número e pessoa" (CEREJA; VIANNA, 2020, p. 470). O que interessa nesse texto é o fato de que ele não estabelece o conceito como regra, pois irá tratar disso depois, partindo de um texto para fazer inferência.

> Observe que, nas orações do enunciado, os verbos concordam com o sujeito em número e pessoa. Lixo e esgotos (sujeito composto) são lançados (locução verbal) diretamente nos rios brasileiros. [...] Esse é o princípio básico da concordância verbal na norma-padrão da língua. Há, entretanto, outros casos que devem ser comentados (CEREJA; VIANNA, 2020, p. 474).

A metalinguagem não deixa de estar presente, porém, no texto de Cereja e Vianna (2020). Ainda são utilizadas frases descontextualizadas, com o único intuito de apresentar os diferentes casos de CV. Contudo, há de se notar que, por tentar partir de uma perspectiva diferente – ainda que carregando traços da gramática tradicional –, a quantidade de regras apresentadas neste material é menor, pois ele dá muito mais espaço à prática, com exercícios e leitura de textos.

É interessante destacar que, mesmo carregando o nome de Gramática em sua capa, o material de Cereja e Vianna (2020) esquematiza de uma forma diferente as inúmeras regras que esses livros carregam. No capítulo sobre CV, há um pequeno texto – prática não comum em gramáticas tradicionais, a não ser que este seja base para a resolução de questões –, logo após algumas especificidades de concordância com o sujeito simples e com o composto serem apresentadas, que discute a relação entre concordância, variação linguística e preconceito. É um texto interessante e que contribui muito para a noção de norma-padrão – também abordada no livro – e dos seus desvios, porém o material carece de desenvolvimento em cima disso, sem propor questões ou discussões que o envolvam.

Uma pequena mudança de estrutura e abordagem pode, sim, implicar um ensino muito mais significativo de língua. Quando se limita o estudo da língua somente a blocos de regras que não permitem que ocorrências naturais como variações adentrem o espaço da análise em sala de aula, o resultado é apenas um reconhecimento superficial das formas gramaticais, que não conseguem analisar o fenômeno linguístico como um todo. Assim, afirma Bagno (2007, p. 69-70):

> Por isso, para as pessoas que a todo momento nos perguntam: 'É ou não é para ensinar gramática?', a resposta é: se for para ensinar gramática como mera repetição da doutrina tradicional, anacrônica e encharcada de preconceitos sociais, definitivamente

> **não é para ensinar gramática**. Se ‘ensinar gramática’ for entendido como decoreba de nomenclatura sem nenhum objetivo claro e relevante, análise sintática de frases descontextualizadas e às vezes até ridículas, definitivamente **não é para ensinar gramática** (BAGNO, 2007, p. 69-70, grifos do autor).

O autor continua:

> Mas se por gramática entendermos o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, de modo de como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de **textos** falados e escritos, portadores de um **discurso**, então, definitivamente **é para ensinar gramática, sim**. Na verdade, mais do que ensinar, nossa tarefa é **construir** o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua e como é importante se conscientizar desse saber para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes, etc. (BAGNO, 2007, p. 70, grifos do autor).

A partir do que foi exposto, é perceptível que ambas as gramáticas de nível escolar, mesmo considerando aquela que se diz em comum acordo com a BNCC, não adota a noção de gramática proposta pelo autor. Ao invés disso, aproximam-se muito mais das formas tradicionais, elencando um conjunto de regras associadas a exemplos descolados de uso e sem propor discussões que sejam de fato relevantes para se entender a língua como um todo. Não há foco na interação, nem na utilização de textos dos mais diversos para se entender um discurso. Há apenas o modo como se deve ou não escrever.

Se nos materiais didáticos, ferramentas essenciais para o trabalho docente, a única perspectiva possível para se apoiar é a da gramática tradicional, é apenas lógico que, mesmo com um trabalho ativo de tentar se distanciar dela, o ensino de LP carregará consigo tais traços. Superar essas práticas de ensino é extremamente necessário, mas isso não quer dizer abolir completamente tudo que a ela é relacionado, mas, sim, reconstruir o trabalho com a língua, a partir da promoção de um desenvolvimento crítico acerca dessas formas.

2.1 Iconicidade, marcação e gramaticalização em concordância verbal

A linguística funcional é uma área que oferece subsídios interessantes como alternativa para propor uma reflexão mais significativa sobre essas formas, pois parte de princípios que entendem a língua a partir de fatores realmente significativos para análise linguística: reconhece que ações desencadeiam a gramática; enxerga a gramática como um fazer coletivo; compreende que, para analisar a língua, é essencial analisar o papel da interação e da cognição.

> A gramática, entendida como um conjunto de padrões linguísticos regulares no nível dos sons, das palavras e de unidades maiores como sintagmas, orações e sentenças, é um componente em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso,

> ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a morfossintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 20).

Três conceitos centrais do Funcionalismo – marcação, iconicidade e gramaticalização – poderiam ser abordados em sala de aula para tratar de concordância. A iconicidade, por exemplo, define-se como "[...] a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código lingüístico (expressão) e seu significado (conteúdo)" (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 22). Isso consegue explicar muitas das relações de concordância dos verbos e, por conseguinte, as tais regras.

> Existem, em português, algumas construções com o verbo ser que podem oferecer dúvidas a quem fala ou escreve. Uma delas, em que esse verbo aparece nas orações equativas [...] acontece, porém, que apenas aparentemente esses substantivos são o sujeito dessas orações. A concordância do verbo ser no singular tem o objetivo de criar um espaço mental dentro do qual o sujeito da oração é um evento de que faz parte a coisa nomeada pelo substantivo (ABREU, 2012, p. 176).

Diante disso, é possível perceber que o fenômeno da concordância encontra na linguística funcional explicações muito mais naturais acerca da forma como opera, uma vez que esta enxerga muito além do que apenas normas definidas previamente. O verbo "ser" apresenta, nesses casos, a concordância com o predicativo, não por conta do predicativo em si, mas, sim, pelo conjunto que está sendo nomeado pelo substantivo.

No exemplo de Almeida (2009, p. 454) "Isto são histórias", o verbo "ser" aparenta concordar com o predicativo que vem em seguida, porém é apenas natural perceber que o sujeito "Isto" pode apontar para um conjunto de coisas, ou um evento comunicativo – portanto, um dêitico por definição – que leva à conclusão do enunciador de que este sujeito "são histórias". Assim, a atribuição no plural do verbo "ser" é feita, pois, no centro da interação comunicativa, o verbo não concorda com o pronome demonstrativo - tampouco com o predicativo -, porém com aquilo que está realmente sendo nomeado como "Isto" na oração.

O mesmo vale para o conceito de marcação. Cunha (2011, p. 170) destaca que este denota o contraste entre um determinado par linguístico, a variar os níveis fonológicos, morfológicos ou sintáticos. A atribuição de marcado ou não marcado ocorre a partir da presença de um atributo em um dos elementos que não aparece no outro, respectivamente. Essa classificação, contudo, é relativa. Um elemento pode, por exemplo, ser marcado em um determinado contexto comunicativo, porém, em outro, não.

Tomemos como exemplo as ordens direta e indireta das orações. Na fala, é muito mais comum utilizarmos a ordem direta, o que a torna, nesse sentido, não marcada em relação à indireta. Em textos escritos formais, como o dissertativo-argumentativo, encontramos muito mais o uso da ordem indireta, pois existe a ideia - principalmente entre os alunos do EM - de que o domínio deste elemento demonstra maior repertório linguístico na escrita.

> No nível sintático, o conceito de marcação também apresenta consequências interessantes no uso da língua. Comparemos as duas construções abaixo:
> a) Eu uso esta roupa.
> b) Esta roupa eu uso.
> A sentença exemplificada em (b) é mais marcada, já que a ordenação mais comum é a que está indicada em (a): sujeito ("Eu") verbo ("uso") objeto ("esta roupa"). Essa questão tem implicações interessantes quando pensamos na expressividade das estruturas. Qual seria a mais expressiva das duas? A resposta seria a do exemplo (b), já que expressa algum tipo de força argumentativa associada à ideia de que aquela roupa é de um tipo que agrada mais ao falante do que alguma outra. Isso não ocorre no primeiro exemplo, em que temos uma simples afirmação, que não apresenta necessariamente qualquer argumento desse tipo (CUNHA, 2011, p. 171).

Ou seja, ao realizar a troca da ordem direta para a indireta, o leque argumentativo se expande, o que pode ser uma excelente escolha linguística para o texto que está sendo escrito. O que acontece é que, ao inverter a ordem das orações, o verbo ainda precisa manter sua concordância com o sujeito, mesmo que este esteja posposto. Vamos observar o exemplo a seguir:

(1) É necessário que novos projetos de lei sejam criados.

No período acima, temos uma oração principal e uma oração subordinada substantiva subjetiva. Na segunda, percebemos a presença do particípio do verbo "criar", que funciona como adjetivo, pois, ao acompanhar o verbo "ser", a oração se torna predicativa. Neste sentido, tanto o verbo, quanto o predicativo devem fazer a concordância com o sujeito da oração "novos projetos de lei". A mesma lógica vale se fizermos a inversão da ordem desses termos, trazendo o predicativo e o verbo para antes do sujeito, ficando assim:

(2) É necessário que sejam criados novos projetos de lei.

A expressão "novos projetos de lei" continua sendo sujeito da segunda oração, portanto o verbo - e o predicativo - deve manter sua relação com este. Não é incomum, porém, encontrar em textos produzidos por alunos - poderemos ver exemplos disso no seguinte capítulo - a concordância do verbo sendo feita com o termo que o antecede, nesse caso, com a oração principal, ficando assim:

(3) É necessário que seja criado novos projetos de lei.

Devido à ordem indireta ser não marcada na escrita de textos formais, ao realizar a inversão dos termos, os alunos continuam fazendo a concordância a partir do conhecimento linguístico que já trazem consigo. A oralidade acaba se tornando um ponto referencial para isso. Ao realizar majoritariamente a ordem direta em situações cotidianas de comunicação, os alunos tendem a fazer a concordância com o sujeito que, nesses casos, vem anteposto ao verbo. Assim, eles alteram a ordem na escrita, mas o fazem mantendo a relação do verbo com o termo que o antecede, logo, a concordância do verbo "ser" acaba indo para o termo de maior valor que vem antes: "necessário".

Ademais, a gramaticalização é um fenômeno que, segundo Cunha (2011, p. 173), "[...] designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais". Isso explica, por exemplo, o aparecimento de expressões próprias da oralidade em textos escritos como "a gente", expressão muito comum na fala, que é utilizada como sinônimo do pronome pessoal "nós". Vamos observar os seguintes exemplos:

(4) A gente foi ao shopping.

(5) A gente fomos ao shopping.

Apesar de as gramáticas tradicionais tratarem sentenças como a (5) como "erros crassos" de CV, um ensino que se preocupa em despir-se de preconceitos linguísticos facilmente entenderia e conseguiria explicar o porquê que isto acontece com relativa frequência. Como foi pontuado anteriormente, a expressão "a gente" nada mais é do que um sinônimo do pronome pessoal "nós", portanto, discursivamente ambas acabam tendo o mesmo valor.

Ora, se duas expressões têm o mesmo valor e desempenham o mesmo papel na oração - esse que é essencial para a concordância -, por que não realizar a concordância da mesma forma? Ao utilizar a expressão "a gente", o enunciador se inclui como participante da ação verbal em destaque e sabe, por uso comum da língua, que, quando ele mesmo está inserido no discurso, o verbo vai para a primeira pessoa. É sabido que a norma-padrão pressupõe o uso de (1), mas não é algo "absurdo" fazer a concordância como em (5), pois é perfeitamente possível entender a mesma ideia em ambas as frases.

> Nesse caso, saber uma língua pode ser entendido como ter internalizada a gramática dessa língua. É segundo essa perspectiva que se diz que todo falante nativo de português sabe o português, sabe a gramática de sua língua e conhece as diferenças das variedades linguísticas com as quais tem contato. Assim, vistas sob essa perspectiva, concordâncias como "a gente vamos" e "nós vai" não são erradas, já que são fruto do conhecimento linguístico de falantes do português no Brasil. São fruto de um processo de construção de uma gramática que teve como base as relações sociais vivenciadas pelo falante e uma capacidade para a linguagem, inata e presente em todos os seres humanos que não possuem patologias que o impeçam de construí-la (MENDONÇA, 2004, p. 238).

A ideia proposta, como pontua a autora, é a de entender o aluno como um já conhecedor da LP, pois ele já traz consigo sua própria gramática, fruto das relações e interações comunicativas que construiu ao longo da vida. Estas não podem, nem devem, ser ridicularizadas. O estudo de língua em sala de aula deve compreender as mais diversas situações de comunicação, reais e significativas e, assim, dispor de novas e diferentes formas para ampliar o repertório destes, sem constrangimento ou discriminação.

Os materiais didáticos, mais especificamente as gramáticas, são uma ferramenta crucial de análise como ponto de partida de uma pesquisa que busca reconstruir e ressignificar o ensino de língua em salas de aula. Elas são resultado de anos de dominação de práticas normativistas de ensino gramatical nas escolas e permitem, a partir disso, questionamentos e contrastes fundamentais para propor uma atividade docente mais significativa. Essa investigação conferiu subsídios fulcrais para entender, no contexto da escola, que efeitos essas práticas tiveram nos alunos e como isso se reflete em suas produções, que serão conferidas no capítulo subsequente.

3. A CONCORDÂNCIA VERBAL NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS

Feita a análise das gramáticas e dos materiais didáticos, é necessário discutir o cenário em que esta pesquisa se insere. Tal qual exposto na introdução, foi selecionada uma turma do 3º ano do EM de uma escola privada do município de João Pessoa, na Paraíba, que possui uma quantidade total de 28 alunos. Para realizar o questionário a ser analisado no capítulo seguinte, foi necessário, antes, fazer um levantamento com a turma acerca do assunto em foco. Esse levantamento foi feito a partir da observação do pesquisador deste estudo que atua como docente de gramática na escola, além das produções textuais feitas previamente pelos alunos como atividade de sala de aula. No início do ano letivo de 2022, ainda no 1º bimestre, o professor realizou uma atividade avaliativa em que o foco era uma produção textual.

A proposta era de que os alunos escrevessem um texto do gênero artigo de opinião, na qual eles discutiram o tema "preconceito linguístico", este que foi amplamente debatido em sala de aula. Os alunos levantaram questões sobre o que gera esses preconceitos; falaram sobre episódios que aconteceram com eles – dentro e fora de sala de aula – e com outras pessoas; além disso, refletiram sobre como a forma que aprendemos - e ensinamos - gramática influencia diretamente na manutenção deste.

Dos 28 alunos da turma, 25 enviaram as redações, que foram avaliadas e devolvidas para eles. Todas as redações foram feitas de maneira digitada e enviadas pela plataforma de estudos *Google Sala de Aula*. Para fins de análise, apenas algumas foram selecionadas para este capítulo - que podem ser conferidas nos anexos deste trabalho. A escolha desses textos se deu a partir das diferentes ocorrências de CV escritas pelos alunos. Será possível perceber que, mesmo em textos em que há desvio da norma-padrão em alguma seção, os alunos "acertam" a concordância de sentenças com estruturas muito parecidas.

No Anexo 01, podemos observar que o argumento principal do aluno sobre o preconceito linguístico é o fato de que este é uma decorrência direta das estruturas sociais de diferentes regiões do país, principalmente causado pela xenofobia. No segundo parágrafo, ele escreve a sentença: "Este preconceito se torna um dos mais praticados na atualidade e consequentemente se torna um grande propulsor para que **seja gerado** mais preconceitos [...]", que é muito parecida com o exemplo citado no capítulo anterior desta monografia.

O verbo "ser", junto ao particípio do verbo "gerar" neste período, também compõe uma oração subordinada – dessa vez, adverbial. A escrita desse trecho faz com que o sujeito das duas orações anteriores à subordinada seja "este preconceito". Por entender que a oração

subordinada depende de outra principal para fazer sentido, o aluno inconscientemente faz a conexão do verbo com o provável sujeito a que se refere. Por iconicidade o termo que, semanticamente, melhor se liga com o verbo "ser" é o sujeito citado, pois o que "é gerado" sempre é gerado a partir de outro algo, assim, o verbo - e o particípio - acaba concordando com esse sujeito masculino e singular.

É interessante observar, porém, que o aluno constrói uma outra sentença no primeiro parágrafo, em que pontua: "[...] onde cada estado regional possui seus dialetos, sotaques e suas próprias gírias que **são desenvolvidas** ao longo do tempo". A relação de subordinação neste período também existe, e o verbo "ser" se relaciona com uma série de substantivos que o precedem. Aqui, contudo, o aluno realiza a concordância com o verbo obedecendo a norma-padrão, indo para a terceira pessoa do plural, uma vez que concorda com uma série de elementos.

O conceito e discussão sobre marcação facilmente explica o motivo por trás das duas concordâncias diferentes em contextos similares. O fato de a ordem direta ser não marcada na fala em relação à indireta pressupõe que, mesmo na escrita, em que isso se inverte, o aluno deve procurar um sujeito que normalmente vem posicionado antes do verbo para realizar a concordância. No primeiro caso, pela falta de termos de aproximado valor, o aluno buscou no início do período um sujeito bem destacado para realizar a concordância; já no segundo, esse sujeito - composto - estava muito próximo ao verbo, logo, ele entende que com este a concordância deve ser feita, e por já trazer o conhecimento das "regras" em sua gramática interna ele "acerta" este fenômeno.

> A gramática internalizada nasce de uma concepção gerativista da linguagem e não prescinde de uma visão interacionista do processo de aquisição e amadurecimento da linguagem. Isso significa que essa gramática tem como pressuposto um conceito de língua que se produz nas relações sociais vividas pelo falante, produzida também pelo falante que opera sobre a linguagem construindo hipóteses a respeito de seu funcionamento (MENDONÇA, 2004, p. 238).

Diante disso, podemos perceber que o aluno faz hipóteses e chega a conclusões acerca do funcionamento linguístico que o levam a fazer essas duas concordâncias. Considerar isso como parte do processo de ensino de língua é essencial na construção de um indivíduo que tem a capacidade de operar de maneira crítica sobre a língua que utiliza.

No Anexo 02, o aluno discute o preconceito linguístico a partir de um caso que ocorreu em um *reality show* na TV aberta. O foco dele é mostrar como esses casos acontecem de forma até mesmo escancarada e que devem, sim, ser combatidos. No último parágrafo ele pontua:

“Deve se ter algumas idéias para que diminua esse atos [...]”, mais uma vez aparece uma oração subordinada adverbial em que o verbo está anteposto ao sujeito.

> O sujeito prototípico em português (aquele que, estatisticamente, é mais frequente) possui as seguintes características: AGENTE, HUMANO e DETERMINADO, como em: "O garoto chutou a bola”: Garoto é o agente da ação. Ao mesmo tempo, é humano e está determinado. Outra característica do sujeito prototípico em português é posicionar-se antes do verbo, como no exemplo anterior. Já os sujeitos não prototípicos tendem, quase sempre, a ocupar posição depois do verbo [...] (ABREU, 2012, p. 173, grifos do autor).

O sujeito prototípico, como citado, é uma categoria não marcada de construção sintática. Por sua vez, os sujeitos não prototípicos - como o da sentença que o aluno escreveu -, apesar de mais marcados, assumem uma relação muito próxima com os textos argumentativos, pois o que se espera desses textos é uma impessoalidade discursiva. Quando os sujeitos das orações não ocupam a posição normalmente atribuída ao agente da ação verbal, a identificação deste fica aberta.

Essa simples alteração posicional também provoca efeitos no emissor da mensagem, que, por sua vez, quer, inconscientemente, atribuir a ação a um ser que a executa. Na escrita do aluno, quem “diminui” são os “atos”, mas este último não é um agente humano claro, tampouco ocupa a posição que o sujeito normalmente se insere. Dessa forma, o aluno assume a impessoalidade do discurso, que comumente é feita com o verbo na 3ª pessoa do singular. Isso acontece tanto por fatores sintáticos - para ele não há sujeito claro do verbo “diminuir” -, tanto por fatores semânticos - existe um “alguém” que precisará ter “ideias” para “diminuir” os “atos”, não expressos na impessoalidade do texto.

Em alguns casos, desvios da norma-padrão em CV aparecem nas escritas simplesmente por escolhas estruturais dela. Ao observar o Anexo 03, na linha 03, podemos destacar o seguinte período: “[...] sendo assim as pessoas que recebe visitante tende a ficar incomodado”. Aqui, podemos observar uma mudança repentina na flexão de número no verbo da primeira oração, que acarreta uma nova flexão também para os termos subsequentes.

O aluno aborda, em seu texto, sobre como as estruturas sociais provocam o preconceito linguístico, que se agrava ainda mais à luz da normalização desse fenômeno. No período em destaque, todos os participantes das ações verbais deveriam estar pluralizados, pois representam um grupo. É perceptível, porém, que existe uma aproximação muito forte entre a forma da língua utilizada na escrita e a da fala. O texto está carregado de marcas da oralidade. Assim, a concordância que deveria ser feita entre o verbo “receber” e o sujeito “pessoas” é quebrada.

O que é interessante, contudo, é o fato de que, ao não concordar esse verbo com o sujeito, o aluno atribui uma nova flexão de número à oração e faz com que os elementos que vêm em seguida também absorvam essa configuração. Dessa maneira, "[...] visitante tende a ficar incomodado" está inteira no singular. É válido ainda resgatar uma das propriedades da iconicidade, pois, para Abreu (2012), os falantes atribuem a concordância de um verbo sempre ao substantivo que faz parte de um sujeito. Nesse caso, a proximidade entre o substantivo e o verbo é valiosa. O verbo "tende" fica no singular não somente pela alteração feita na flexão de número, mas porque atribui sua concordância ao substantivo que está ocupando a posição de sujeito ao seu lado.

No anexo 04, o aluno faz a relação de preconceito linguístico com a discussão da neutralização de gênero das palavras e expressões da LP. É um texto que, mesmo sem falar sobre isso diretamente, mostra o quanto o preconceito linguístico está muito mais ligado a fatores externos à língua do que ao seu funcionamento em si.

> Nenhuma dessas ideias do que era (é) "certo" ou "errado" se explica por alguma causa natural, por algum fenômeno empiricamente comprovável, por alguma "lei da natureza" - todas elas derivam exclusivamente de "leis culturais", das relações de poder, dos conflitos sociais, das imposições de valores de determinados grupos sobre os demais, da distribuição desigual de bens materiais e culturais etc. (BAGNO, 2007, p. 61-62).

Dessa forma, a ideia do aluno de que o preconceito linguístico parte de outros preconceitos internos que os indivíduos têm, muito além da relação destes com a língua, vai de acordo com o que pontua o autor, bem como o foco desta pesquisa. O ensino de CV pode - e deve - passar primeiramente pelo ensino do uso da língua nos mais diferentes tipos de contexto. Os alunos já sabem disso e trazem essas discussões para suas produções, como é o caso neste exemplo.

No segundo parágrafo do respectivo anexo, o aluno escreve a frase: "[...] pelo fato de que esse povo para eles não estão errando aquela palavra". Nesse caso, o verbo "estar" deveria concordar com "este povo", o desvio da norma-padrão ocorre por uma escolha de registro do discente. A informação "para eles" infere que o que será dito é algo válido para o nome que rege a expressão, sem necessariamente ser uma verdade, ou seja, é uma informação absolutamente necessária, mas que está sendo utilizada como um termo acessório da oração.

Novamente este é um texto que apresenta muitas marcas da oralidade, contudo o aluno não esquece que, sintaticamente, existem pressuposições de como as palavras devem se encaixar em uma oração. A ideia de existir um "povo", grupo em que ele não se insere,

automaticamente gera uma associação desse “povo” com “eles” no discurso - o que fica mais explícito com a expressão “para eles” que acompanha esse termo.

A partir disso, o aluno sabe que deve fazer a concordância com essa noção de “eles” atribuída ao “povo”. Essa ideia de quem se relaciona com o verbo é tão forte que, ao utilizar o “para eles” em seguida, o discente acaba fechando ainda mais a concordância. Ora, se o sujeito da oração é um suposto “eles” e antes do verbo existe essa mesma palavra, logo a concordância vai para ela. Assim, o verbo “estar” acaba concordando tanto com a ideia pressuposta pelo sujeito, quanto com a palavra imediatamente anterior.

São inúmeros os fatores que podem trazer desvios de concordância nos mais diversos tipos de texto. O verdadeiro papel no ensino de LP, além da escrita formal – que também é necessária –, deve ser centrado no domínio e no entendimento sem preconceitos de que todas as formas são válidas, desde que a língua cumpra seu papel principal: a comunicação.

> Nessa perspectiva, um dos papéis do professor de língua materna é o de atuar como orientador do processo de construção e re-construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real. Desse modo, estará criando oportunidades para a emergência de padrões gramaticais heterogêneos, e para o refinamento das estratégias de manejo desses padrões, com a ampliação da capacidade de adequá-los a situações de uso variadas. Uma vez que a gramática de cada um passa por alterações à medida que as experiências vão se somando, quanto mais intensas e mais variadas forem as situações de uso a que for exposto o indivíduo, mais múltipla será sua gramática e maior será sua habilidade de ajustá-la conforme demandarem as situações comunicativas de diversas ordens (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 38).

Isto posto, em concordância ao que dizem as autoras, os PCNs enfatizam que o trabalho do docente de LP deve ser focalizado no “[...] domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística” (BRASIL, 1998, p. 19), para tanto, faz-se necessário perceber os alunos como seres ativos que já utilizam a língua em diferentes situações de interação, agindo, dessa forma, na promoção de novas possibilidades e maior repertório e manipulação da língua em novos - e nos que já utilizam - contextos.

É crucial para o professor enxergar o que – e como – os alunos utilizam no âmbito linguístico, mais ainda, é fulcral discutir as várias práticas diferentes de uso da língua, além de somente focar nas regras. Os próprios alunos já fazem essa reflexão e precisam ser orientados para tanto. No anexo 05, o aluno em questão discute a noção de “certo” e “errado”, levantando hipóteses e argumentos que enxergam a língua como algo vivo e dinâmico, e o faz relacionando diretamente com o preconceito linguístico. No último parágrafo, este discente levanta uma hipótese pertinente para seu argumento, utilizando exemplos de CV.

> [...] Então, por exemplo, falar “nós vai” não está, do ponto de vista gramatical, necessariamente errado, é algo que condiz mais com a questão social de quem fala. Desse modo, pessoas que são ricas e escolarizadas não são e/ou falam melhor do que pessoas pobres e analfabetas, dizer “nós vamos” não é melhor do que dizer “nós vai”, só são formas diferentes. Apesar de uma delas ter um maior prestígio social, no ponto de vista linguístico as duas cumprem a sua função de levar significado à quem ouve.

O aluno em questão - e os demais também destacados aqui - tem a noção de que muito do que se é propagado em sociedade em forma de preconceito linguístico está enraizado em práticas de ensino que enxergam a língua como apenas uma forma estática a ser dominada. Ampliar essa discussão para a base da formação dos estudos de análise linguística dos alunos é extremamente preciso. Esse é o primeiro passo para desconstruir as práticas superficiais e discriminatórias que dominam as salas de aulas.

O estudo das produções textuais dos alunos permite interpretar que noção eles têm do uso de concordância verbal na escrita e, ainda, rastrear os efeitos que o ensino de gramática normativista produzem entre os discentes. Esse passo é muito importante para desenvolver uma nova perspectiva de ensino e, a partir disso, realizar suas aplicações. Esses resultados possibilitaram a construção e aplicação do questionário que será avaliado a seguir.

4. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS SOBRE CONCORDÂNCIA VERBAL

Neste capítulo, serão analisadas as respostas do questionário presente no Anexo 06 deste trabalho. As perguntas foram formuladas com base na ocorrência de CV em textos em que se preza o uso da escrita formal. O intuito é verificar se os alunos reconhecem as inadequações segundo à norma-padrão, bem como se eles refletem sobre como e por quê que certos usos são abordados e considerados "corretos" e outros não.

4.1 A elaboração do questionário

Para confeccionar a atividade, o foco - como pontuado anteriormente - se deu em torno de textos de escrita formal. Foram formuladas quatro questões - sendo a última dividida em duas partes - que levam em consideração os desvios da norma-padrão da LP e a reflexão sobre o uso da língua e suas supostas regras. As questões seguem uma sequência em que são apresentados trechos de textos, em seguida a reflexão sobre CV a partir deles,

Foram escolhidos trechos de dois gêneros textuais distintos: a notícia e um gênero literário. O primeiro destes orienta as questões 1 e 2; enquanto o segundo, as questões 3 e 4. Vários recortes do gênero notícia foram destacados, pois esses são textos que geralmente conservam traços da formalidade, tentando ir de acordo com o que pressupõe a norma-padrão da LP. A relevância da escolha também foi aferida por uma abundância de textos do gênero com desvios da norma-padrão em CV.

> Todos os dias encontro erros de concordância em matérias e artigos publicados em jornais, revistas e portais. Alguns deles podem ser atribuídos à pressa típica de quem tem prazo para entregar seus textos. Outros, à distração. Para essas causas, uma revisão – ou uma releitura cuidadosa – feita por quem escreveu quase sempre resolveria o problema (HUMBERG, 2016).

É interessante observar que o autor destaca "erros" de concordância, o que vai de acordo com aquela noção muito propagada pela gramática tradicional. Isso decorre da noção de que os veículos de notícia devem sempre utilizar a língua de prestígio, pois o PB desses textos precisa ser o "correto" para ser válido, uma vez que a matéria ali veiculada "perde qualidade" se o corpo editorial deixar passar "erros gramaticais".

Já para o gênero literário, foi escolhido um trecho da primeira publicação da obra "Dom Casmurro" (ASSIS, 1899). A seleção deste segundo texto se deu a partir do questionamento levantado por Bagno (2011) ao discutir o ensino de CV. Ele aponta que existe um ideal que permeia a docência em LP de que o que deve ser ensinado é a gramática "correta", que

desconsidera os escopos mais amplos de utilização da língua, pois se baseia na escrita dos grandes autores, e tudo que não vai de acordo com isso, é relegado à posição de inferioridade. O exemplo é pertinente, pois mostra que um desses grandes autores também comete - na nomenclatura dessa perspectiva - um “erro” de concordância. Fato é que esse tipo de desvio quase nunca é debatido, frente a outros que figuram protagonismo direto nas aulas de gramática.

A partir disso, o questionário ficou organizado da seguinte maneira: a primeira questão, com cinco trechos de cinco notícias diferentes, em que os alunos tinham de verificar quais desses possuíam desvio de norma-padrão em CV; na segunda questão, eles deveriam destacar somente as sentenças em que eles identificaram inadequações de concordância e as adequar; na terceira, entra o trecho da obra de Machado de Assis, em que um verbo está destacado, e solicita que os alunos digam se há desvio na CV ou não e por quê; na quarta e última questão, dividida nos quesitos (a) e (b), primeiro indaga se, para os alunos, os desvios de norma-padrão que foram identificados por eles prejudicam a compreensão total das mensagens, e segundo, pede para que os alunos comparem um “erro” de CV muito comumente utilizado como exemplo em sala de aula com o trecho da questão 3, discutindo o porquê de serem tratados de maneiras diferentes.

Dessa forma, o questionário engloba diversas facetas da investigação linguística. Desde o seu uso em diferentes contextos comunicativos e como esses contextos também estão suscetíveis às variações naturais da língua, até à reflexão crítica de como a valorização de um determinado modo de se utilizar a língua - baseado em noções muito simplistas e estáticas do fenômeno linguístico - acabam somente por propulsionar diversos preconceitos e maneiras pouco significativas de ensino.

4.2 Resultados da primeira questão

Na primeira questão, em que os alunos tinham que marcar as alternativas que possuíam desvios de norma-padrão de CV, é perceptível que não houve uma medida comum entre os alunos. Existem respostas que se cruzam, mas a grande maioria varia entre si, com marcações e combinações diferentes. As alternativas supostas a serem marcadas eram: (a), (c) e (d). Essas, foram as que mais figuraram entre as respostas dos discentes.

Na alternativa (a), o desvio ocorre no trecho destacado, na segunda linha deste, em que a concordância entre o verbo “participar” e o sujeito da oração “redações” não foi feita (há de se notar que, talvez por erros de digitação, há inadequações de regência do verbo também). Já na alternativa (c), o desvio ocorre no verbo "atacar", presente no título da notícia, que deveria concordar com “Estados Unidos”, porém, sem a presença do determinante, o verbo deveria estar

no singular. Por último, na alternativa (d), a inadequação está presente no verbo “tiveram” que realiza a concordância como que se referisse a um sujeito composto “José Sócrates e a estação de Queluz”, quando, na verdade, deveria assumir os traços do sujeito “A troca de acusações” no início da sentença

As alternativas (b) e (e) estão de acordo com a norma-padrão da LP, porém, é válido salientar que elas foram trazidas, pois têm casos de CV que são muito comuns de observar em textos escritos pelos alunos. Na primeira, possuindo uma ocorrência de concordância com sujeito coletivo; e na segunda, com o sujeito partitivo. A possibilidade de dupla concordância no segundo caso, porém, gera no aluno a dúvida se elas estão ou não adequadas conforme a norma-padrão.

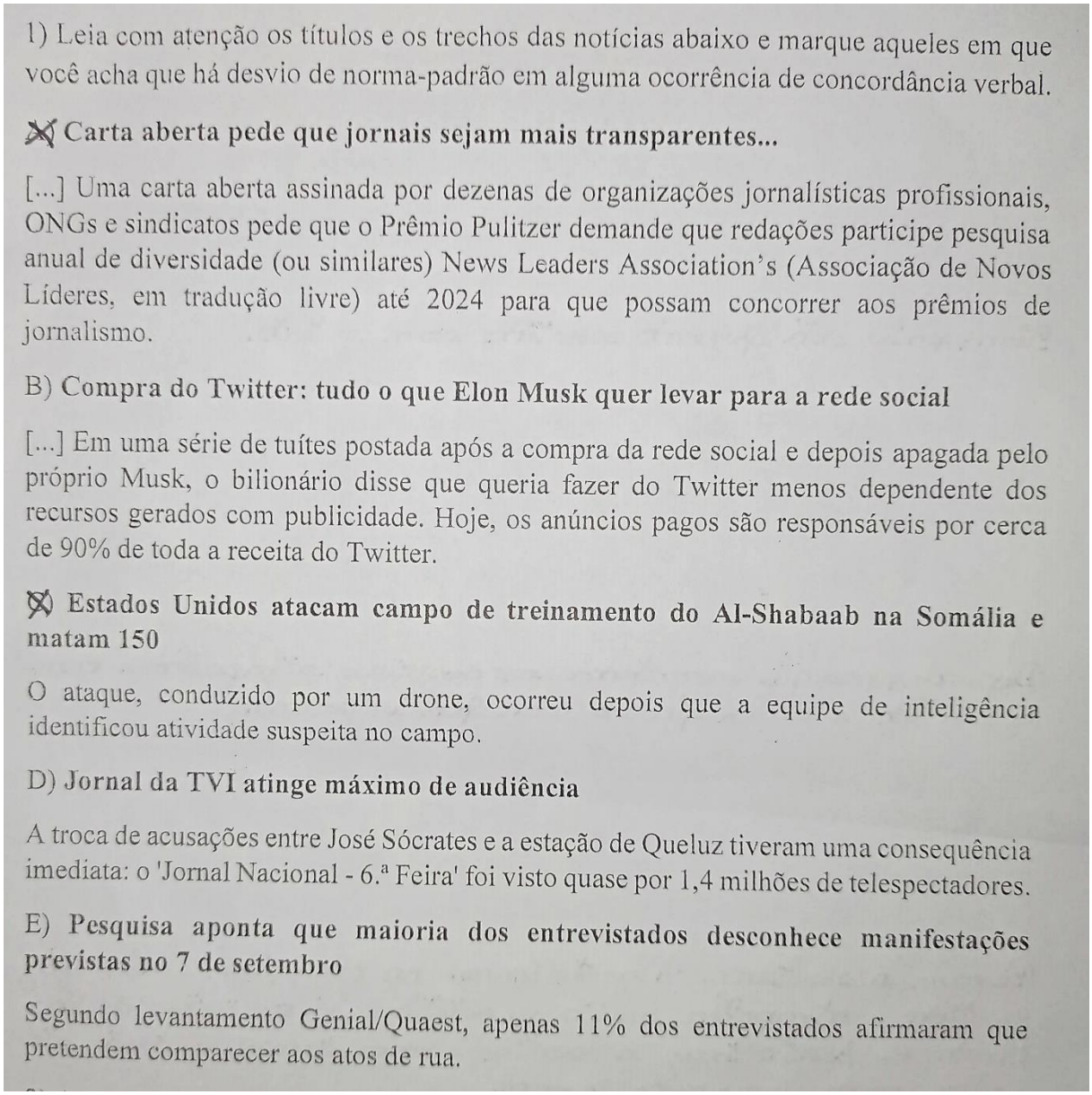
> Essa transferência do processo de concordância verbal para o complemento do núcleo está vinculada ao fato de que um sujeito prototípico tem sempre como núcleo um substantivo que nomeia alguma coisa do mundo físico ou psicológico. [...] Os falantes associam, então, o ato de concordar o verbo a concordá-lo sempre com um substantivo que faz parte do sujeito, mas que nomeia algum ser. Ora, nos casos de coletivos partitivos, os núcleos (maioria, número, parte) não são substantivos que nomeiam seres, ou seja, não são núcleos prototípicos. Inconscientemente, pois, o falante busca, dentro da função sujeito, um substantivo (ou pronome) que nomeie um ser, e faz isso por iconicidade (ABREU, 2012, p. 176).

Logo, ao se deparar com sentenças com esses tipos de sujeito, os alunos buscam inconscientemente substantivos com os quais possam concordar. Não seria absurdo, por exemplo, deparar-se com um aluno se perguntando por que a concordância na linha 01 do trecho da alternativa (b) entre o verbo no particípio “postado” se dá com o termo “série” e não “tuítes”. É relevante destacar, entretanto, que, apesar de não haver respostas homogêneas entre os questionários, nenhum aluno marcou essa alternativa como incorreta.

Já a alternativa (e), por sua vez, apareceu mais vezes como marcada nos questionários. Uma hipótese para isso é o fato de possuírem duas sentenças com sujeito representado por quantidade de maneiras diferentes - e com concordâncias diferentes. No título da notícia em questão, o sujeito do verbo “desconhece” é “maioria dos entrevistados” e permite a concordância com “maioria” ou “entrevistados”. Já abaixo, na linha 01, o sujeito do verbo “afirmaram” é “11% dos entrevistados” a concordância, nesse caso, vai para o núcleo, que é o número percentual.

São duas frases, porém, que expressam a mesma ideia, mas que, pela forma como foram inseridas, aparentam estar sendo contrárias no que pressupõe a CV. Isso acontece porque o aluno vê as duas expressões e entende que elas têm o mesmo valor, mas percebe que em um caso o verbo se mantém no singular e no outro, no plural. E atribui isso à palavra que possui

mais características de um sujeito prototípico, o substantivo “entrevistados”. Logo, se em um caso o verbo está no singular e no outro no plural, a concordância adequada é aquela que se aproxima desse substantivo, por isso a marcação frequente nesta alternativa.



1) Leia com atenção os títulos e os trechos das notícias abaixo e marque aqueles em que você acha que há desvio de norma-padrão em alguma ocorrência de concordância verbal.

X **Carta aberta pede que jornais sejam mais transparentes...**

[...] Uma carta aberta assinada por dezenas de organizações jornalísticas profissionais, ONGs e sindicatos pede que o Prêmio Pulitzer demande que redações participe pesquisa anual de diversidade (ou similares) News Leaders Association's (Associação de Novos Líderes, em tradução livre) até 2024 para que possam concorrer aos prêmios de jornalismo.

B) **Compra do Twitter: tudo o que Elon Musk quer levar para a rede social**

[...] Em uma série de tuítes postada após a compra da rede social e depois apagada pelo próprio Musk, o bilionário disse que queria fazer do Twitter menos dependente dos recursos gerados com publicidade. Hoje, os anúncios pagos são responsáveis por cerca de 90% de toda a receita do Twitter.

X **Estados Unidos atacam campo de treinamento do Al-Shabaab na Somália e matam 150**

O ataque, conduzido por um drone, ocorreu depois que a equipe de inteligência identificou atividade suspeita no campo.

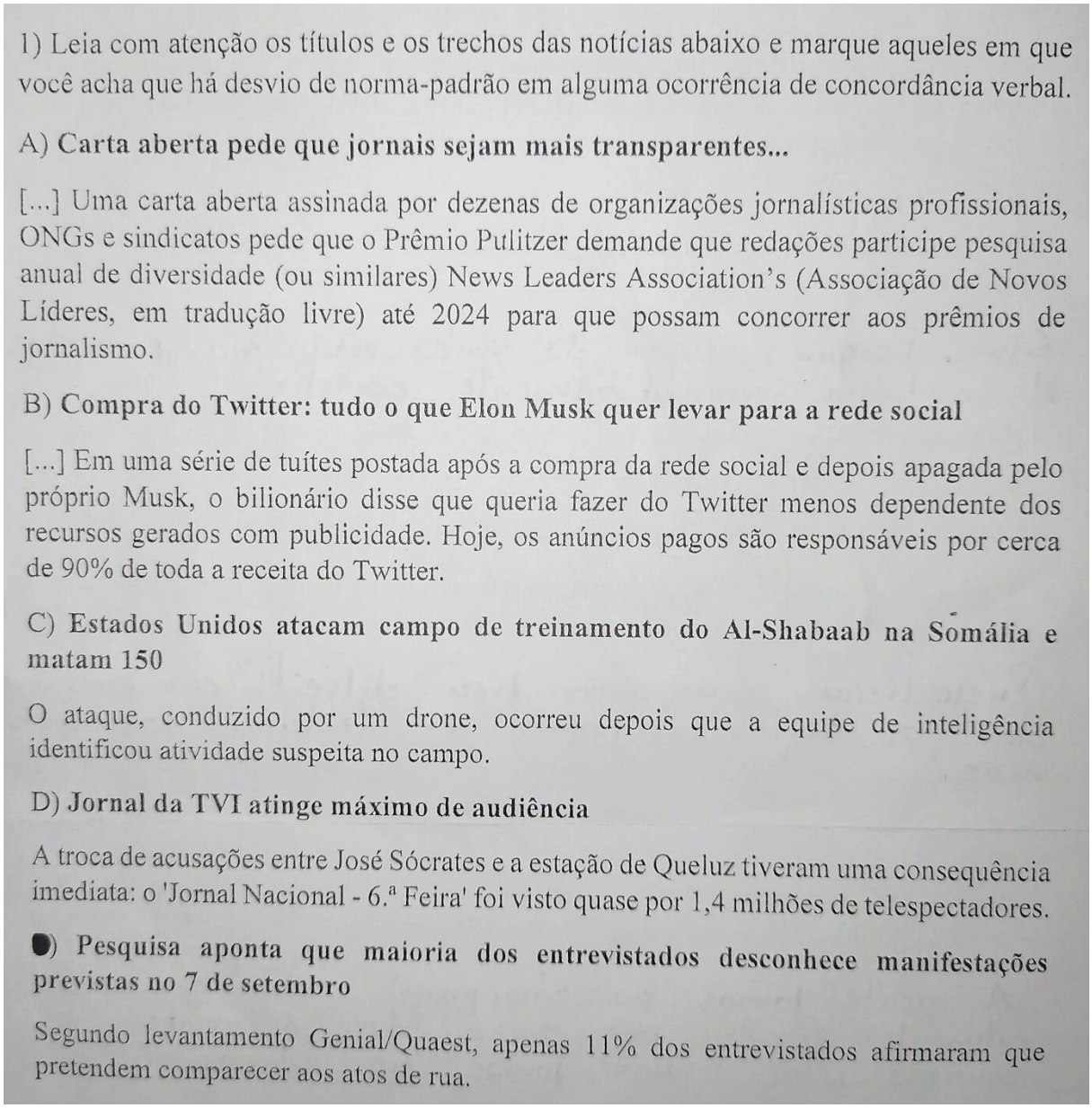
D) **Jornal da TVI atinge máximo de audiência**

A troca de acusações entre José Sócrates e a estação de Queluz tiveram uma consequência imediata: o 'Jornal Nacional - 6.ª Feira' foi visto quase por 1,4 milhões de telespectadores.

E) **Pesquisa aponta que maioria dos entrevistados desconhece manifestações previstas no 7 de setembro**

Segundo levantamento Genial/Quaest, apenas 11% dos entrevistados afirmaram que pretendem comparecer aos atos de rua.

Figura 1: Fotografia de uma resposta à questão 1. Fonte: Elaboração do autor, 2022.



1) Leia com atenção os títulos e os trechos das notícias abaixo e marque aqueles em que você acha que há desvio de norma-padrão em alguma ocorrência de concordância verbal.

A) **Carta aberta pede que jornais sejam mais transparentes...**

[...] Uma carta aberta assinada por dezenas de organizações jornalísticas profissionais, ONGs e sindicatos pede que o Prêmio Pulitzer demande que redações participe pesquisa anual de diversidade (ou similares) News Leaders Association's (Associação de Novos Líderes, em tradução livre) até 2024 para que possam concorrer aos prêmios de jornalismo.

B) **Compra do Twitter: tudo o que Elon Musk quer levar para a rede social**

[...] Em uma série de tuítes postada após a compra da rede social e depois apagada pelo próprio Musk, o bilionário disse que queria fazer do Twitter menos dependente dos recursos gerados com publicidade. Hoje, os anúncios pagos são responsáveis por cerca de 90% de toda a receita do Twitter.

C) **Estados Unidos atacam campo de treinamento do Al-Shabaab na Somália e matam 150**

O ataque, conduzido por um drone, ocorreu depois que a equipe de inteligência identificou atividade suspeita no campo.

D) **Jornal da TVI atinge máximo de audiência**

A troca de acusações entre José Sócrates e a estação de Queluz tiveram uma consequência imediata: o 'Jornal Nacional - 6.ª Feira' foi visto quase por 1,4 milhões de telespectadores.

) Pesquisa aponta que maioria dos entrevistados desconhece manifestações previstas no 7 de setembro

Segundo levantamento Genial/Quaest, apenas 11% dos entrevistados afirmaram que pretendem comparecer aos atos de rua.

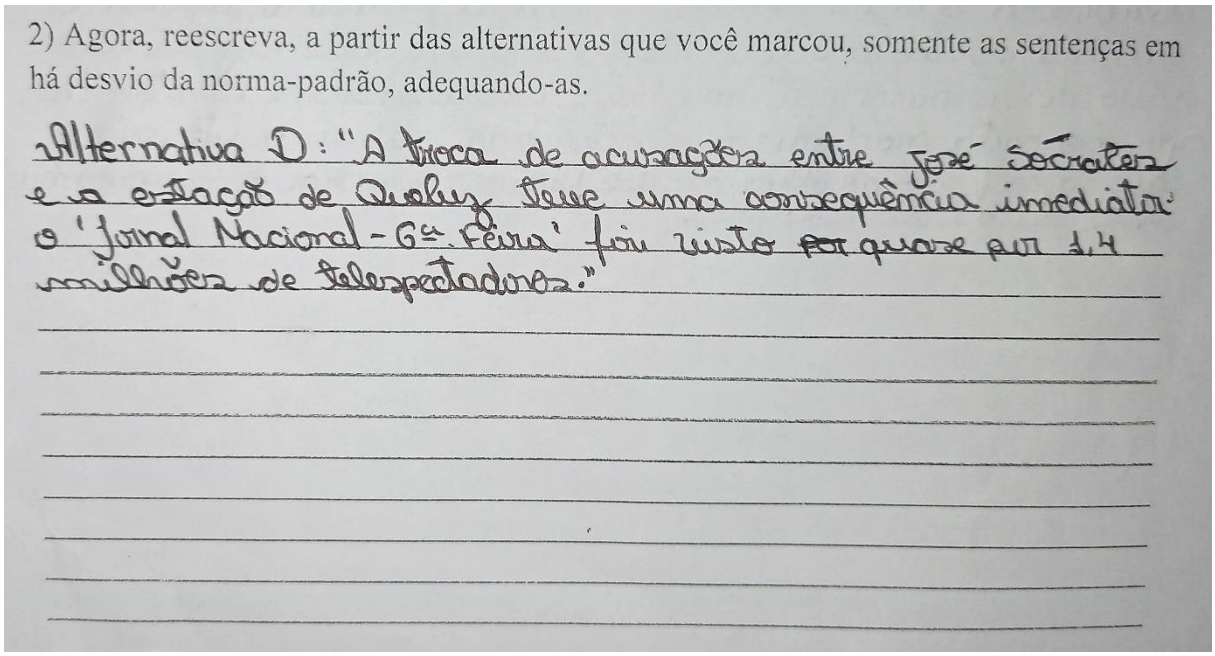
Figura 2: Fotografia de uma resposta à questão 1. Fonte: Elaboração do autor, 2022.

4.3 Resultados da segunda questão

A segunda questão, por depender das respostas da anterior, segue o mesmo raciocínio. Os alunos fizeram inferências sobre as questões que eles marcaram, levantaram hipóteses e reconstruíram os textos, de forma que a concordância fizesse sentido para eles. É interessante pontuar, na análise dessa questão, que eles reconstruíram, também, as que já estavam obedecendo a norma-padrão, mas que, em seu entendimento, não estavam de acordo.

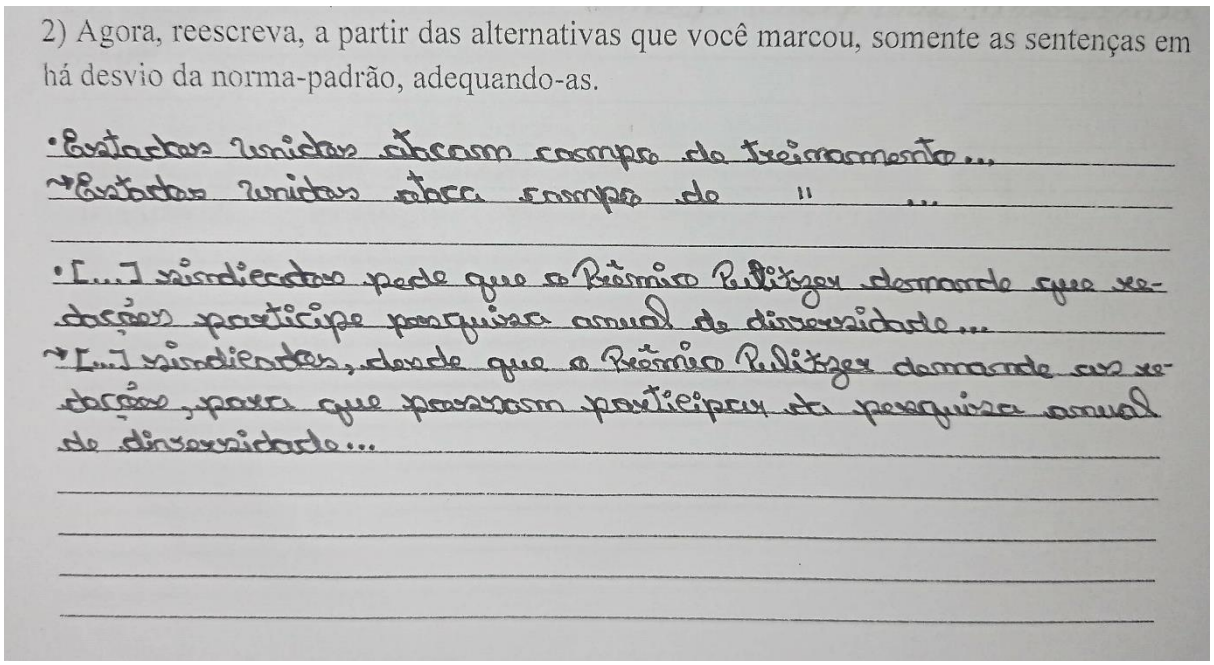
Alguns destaques são relevantes para serem pontuados. Foi partindo do princípio anterior que apareceram questões, por exemplo, adequando o verbo "desconhecer" do título da alternativa e) para concordar com o substantivo "entrevistados" que o antecedia. Entre os alunos

que marcaram a alternativa c), a adequação se deu de duas maneiras: através da adição do determinante na frente de “Estados Unidos” e mantendo o verbo; ou trocando o verbo para o singular como demanda a norma-padrão da LP. Nas adequações da letra a) foi muito comum, além da mudança da CV, a alteração da regência verbal do termo “participar” que não se conecta propriamente com seus termos regidos.


2) Agora, reescreva, a partir das alternativas que você marcou, somente as sentenças em há desvio da norma-padrão, adequando-as.

Alternativa D: "A troca de acusações entre José Sócrates e a estação de Queluz teve uma consequência imediata: o 'Jornal Nacional - 6ª Feira' foi visto ~~por~~ quase por 1,4 milhões de telespectadores."

Figura 3: Fotografia de uma resposta à questão 2. Fonte: Elaboração do autor, 2022.


2) Agora, reescreva, a partir das alternativas que você marcou, somente as sentenças em há desvio da norma-padrão, adequando-as.

• Estados unidos atacam campo de treinamento...
→ Estados unidos ataca campo de " ...

• [...] sindicados pede que o Prêmio Pulitzer demande que redações participe pesquisa anual de diversidade...
→ [...] sindicados, desde que o Prêmio Pulitzer demande as redações, para que possam participar da pesquisa anual de diversidade...

Figura 4: Fotografia de uma resposta à questão 2. Fonte: Elaboração do autor, 2022.

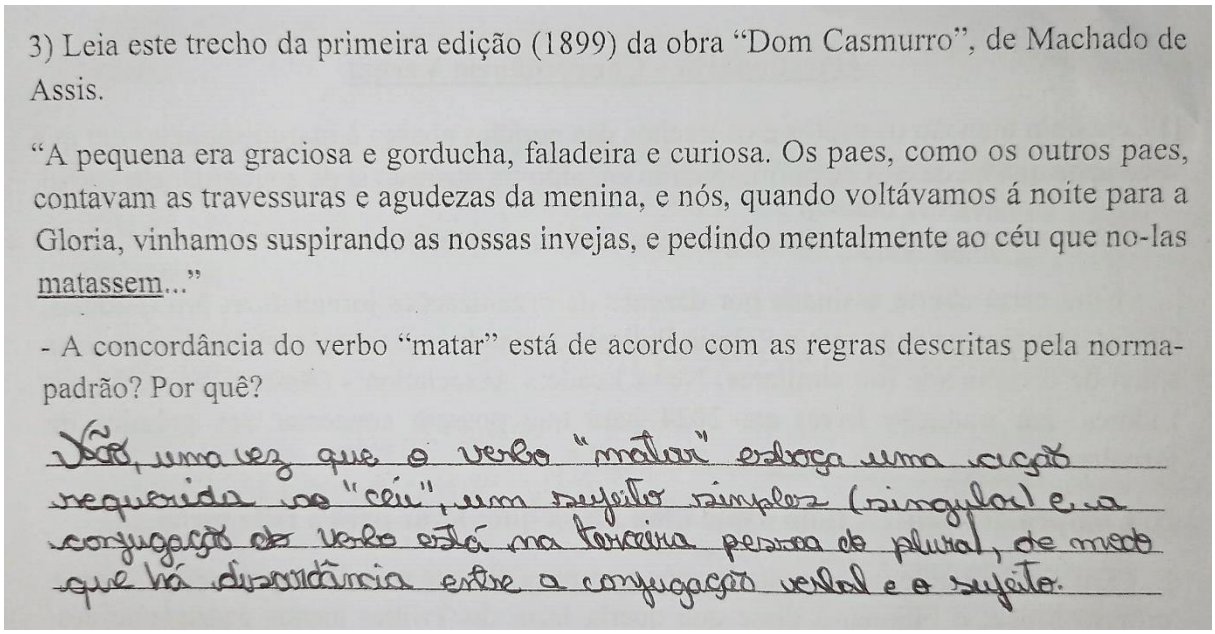
4.4 Resultados da terceira questão

Na terceira questão, referente ao trecho de “Dom Casmurro” (ASSIS, 1899), foram obtidas respostas muito variadas. O verbo “matar” estava sublinhado no final do texto e a questão pedia que os alunos analisassem sua concordância, avaliando se ela seguia os pressupostos da norma-padrão ou não, e explicassem o porquê disto. Na sentença em questão o sujeito deste verbo é “céu”, pois o personagem afirma que eles andavam pedindo ao céu para matar suas invejas.

O autor faz a concordância do verbo com o objeto que está posicionado muito antes do sujeito, motivado pela escolha de registro. Como a ideia de “invejas” já foi introduzida em outra oração, o escritor anula a necessidade de repetir novamente o termo, pois esse já está subentendido no contexto. Contudo, como já foi discutido, a posição do sujeito na oração influencia muito na concordância do verbo que a ele se refere. Como “invejas” é paciente da ação verbal e acaba ocupando o espaço antes do verbo, normalmente associado à ordem direta, abre-se a possibilidade inconsciente de concordar o verbo com esse suposto sujeito passivo.

O grande problema - que foi levantado para os alunos refletirem na questão seguinte - é a idealização das obras literárias dos grandes autores como blocos fechados, acima de qualquer outra forma de utilização da língua, sem enxergar que esses próprios autores também agiram sobre a vivacidade e dinamicidade da língua. Como afirma Bagno (2011), é preciso deixar de encarar essas obras como estáticas e superiores às multiplicidades de uso da língua, mas, sim, como uma manifestação concreta da gramática interna de seus autores.

Os alunos apontaram esse desvio, percebendo que o sujeito da oração era, de fato, o termo “céus” que antecede o verbo. Mas é interessante ressaltar que outros disseram que a CV estava adequada, uma vez que concordava com “invejas”; houve ainda a hipótese de que a concordância seguia a norma-padrão, pois o verbo respeitava o fato de que as orações inteiras estavam mais flexionadas no plural, logo este precisa acompanhar essa noção. A pluralidade dessas respostas é importante e válida, porque demonstra que os alunos estão ativamente refletindo sobre o uso da língua em diversos casos. Esse encontro da gramática “correta” com suas próprias gramáticas internas os leva a ponderar sobre como e por quê em determinados contextos a língua apresenta facetas diferentes.



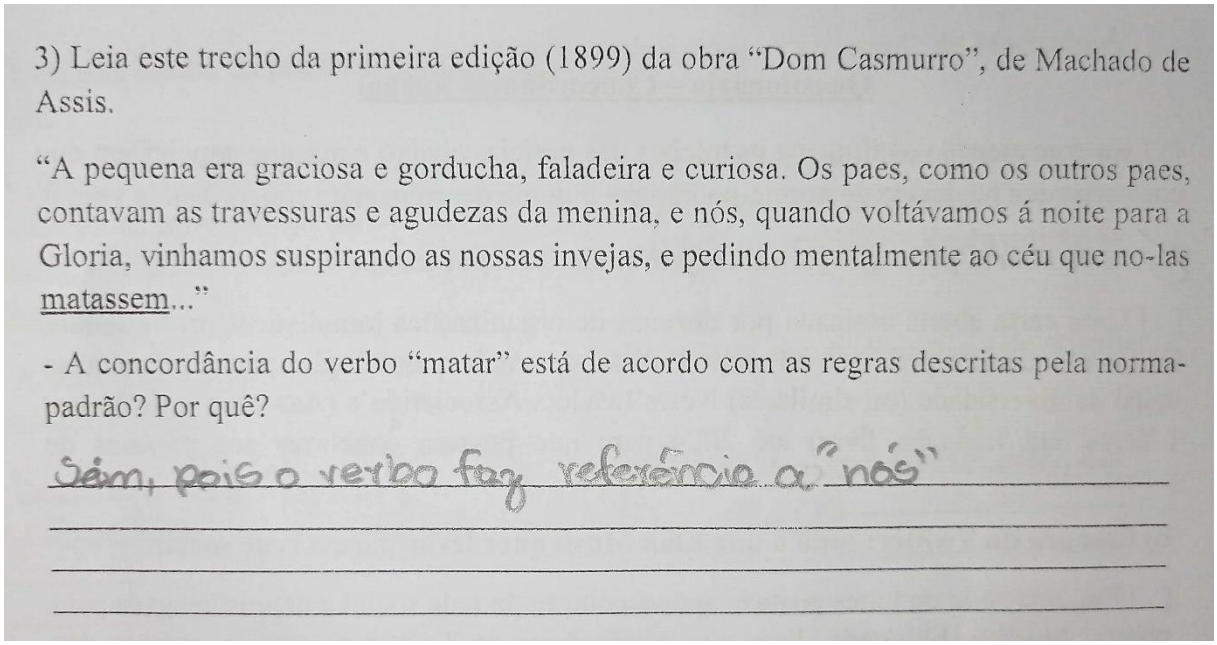
3) Leia este trecho da primeira edição (1899) da obra "Dom Casmurro", de Machado de Assis.

"A pequena era graciosa e gorducha, faladeira e curiosa. Os paes, como os outros paes, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltávamos á noite para a Gloria, vinhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las matassem..."

- A concordância do verbo "matar" está de acordo com as regras descritas pela norma-padrão? Por quê?

Não, uma vez que o verbo "matar" exerça uma ação requerida ao "céu", um sujeito simples (singular) e a conjugação do verbo está na terceira pessoa do plural, de modo que há discordância entre a conjugação verbal e o sujeito.

Figura 5: Fotografia de uma resposta à questão 3. Fonte: Elaboração do autor, 2022.



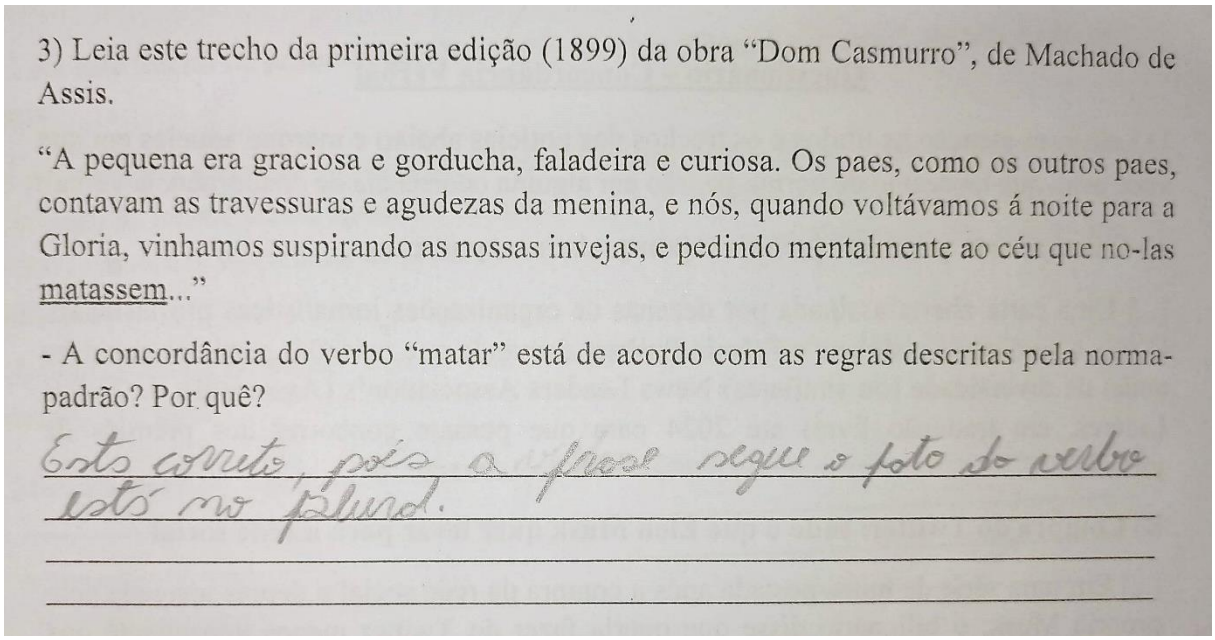
3) Leia este trecho da primeira edição (1899) da obra "Dom Casmurro", de Machado de Assis.

"A pequena era graciosa e gorducha, faladeira e curiosa. Os paes, como os outros paes, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltávamos á noite para a Gloria, vinhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las matassem..."

- A concordância do verbo "matar" está de acordo com as regras descritas pela norma-padrão? Por quê?

Sim, pois o verbo faz referência a "nós"

Figura 6: Fotografia de uma resposta à questão 3. Fonte: Elaboração do autor, 2022.


3) Leia este trecho da primeira edição (1899) da obra "Dom Casmurro", de Machado de Assis.

"A pequena era graciosa e gorducha, faladeira e curiosa. Os paes, como os outros paes, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltávamos á noite para a Gloria, vinhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las matassem..."

- A concordância do verbo "matar" está de acordo com as regras descritas pela norma-padrão? Por quê?

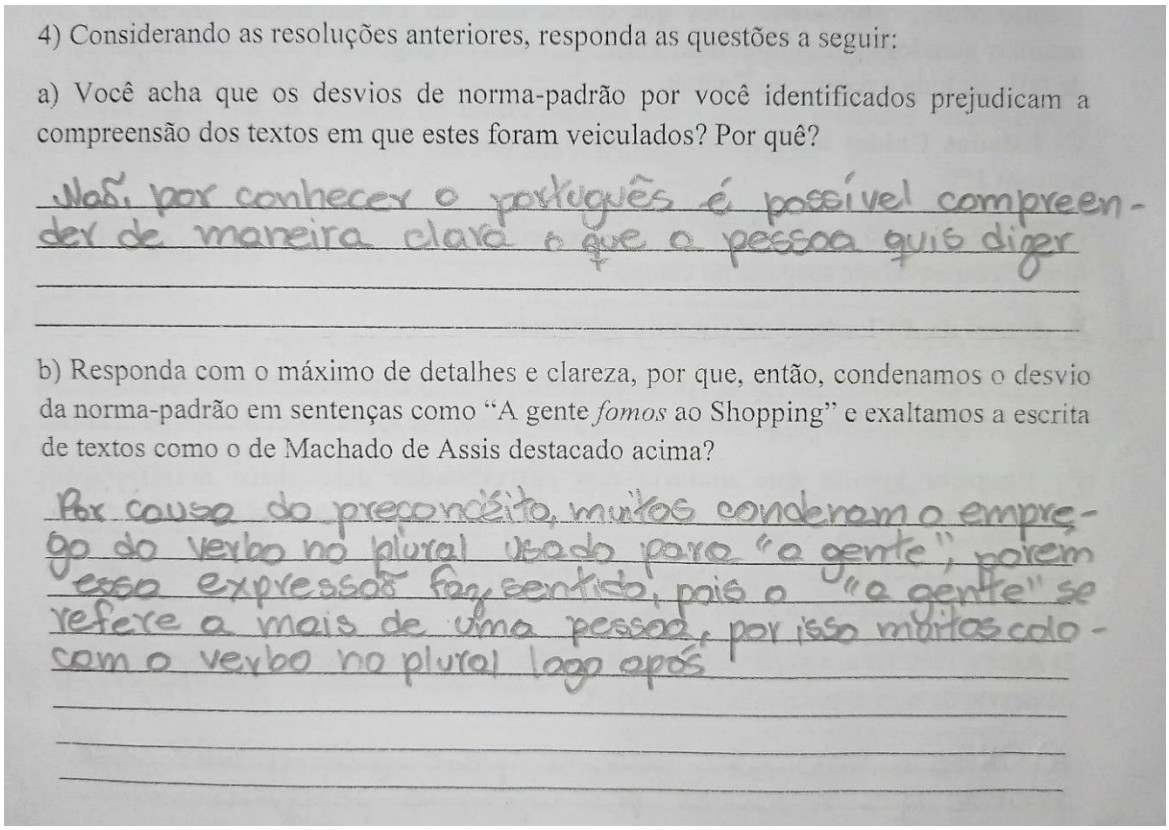
Está correto, pois a frase segue o foto do verbo está no plural.

Figura 7: Fotografia de uma resposta à questão 3. Fonte: Elaboração do autor, 2022.

4.5 Resultados da quarta questão

Por fim, na quarta e última questão do documento, aos discentes é solicitado que eles expliquem duas coisas: se os desvios da norma-padrão foram suficientes para deixar os textos incompreensíveis; e por qual motivo se prestigia muito mais a gramática de textos como o de Machado de Assis, enquanto ativamente apontamos para desvios - comuns - de concordância como se fossem coisas sem valor algum.

Todas as respostas partiram do mesmo raciocínio, apenas com pequenas diferenças entre elas. No primeiro questionamento, elas sempre afirmavam que não havia prejuízo nenhum de compreensão. As justificativas, porém, apresentam níveis de detalhamento variados: alguns disseram que, mesmo com "erros", as mensagens ainda estavam em PB e por isso continuavam normalmente compreensíveis; outros disseram que as sentenças possuíam gramaticalidade e por isso não alterava o sentido; e alguns afirmaram que não necessariamente os textos precisavam seguir a norma-padrão para ser inteligíveis.


4) Considerando as resoluções anteriores, responda as questões a seguir:

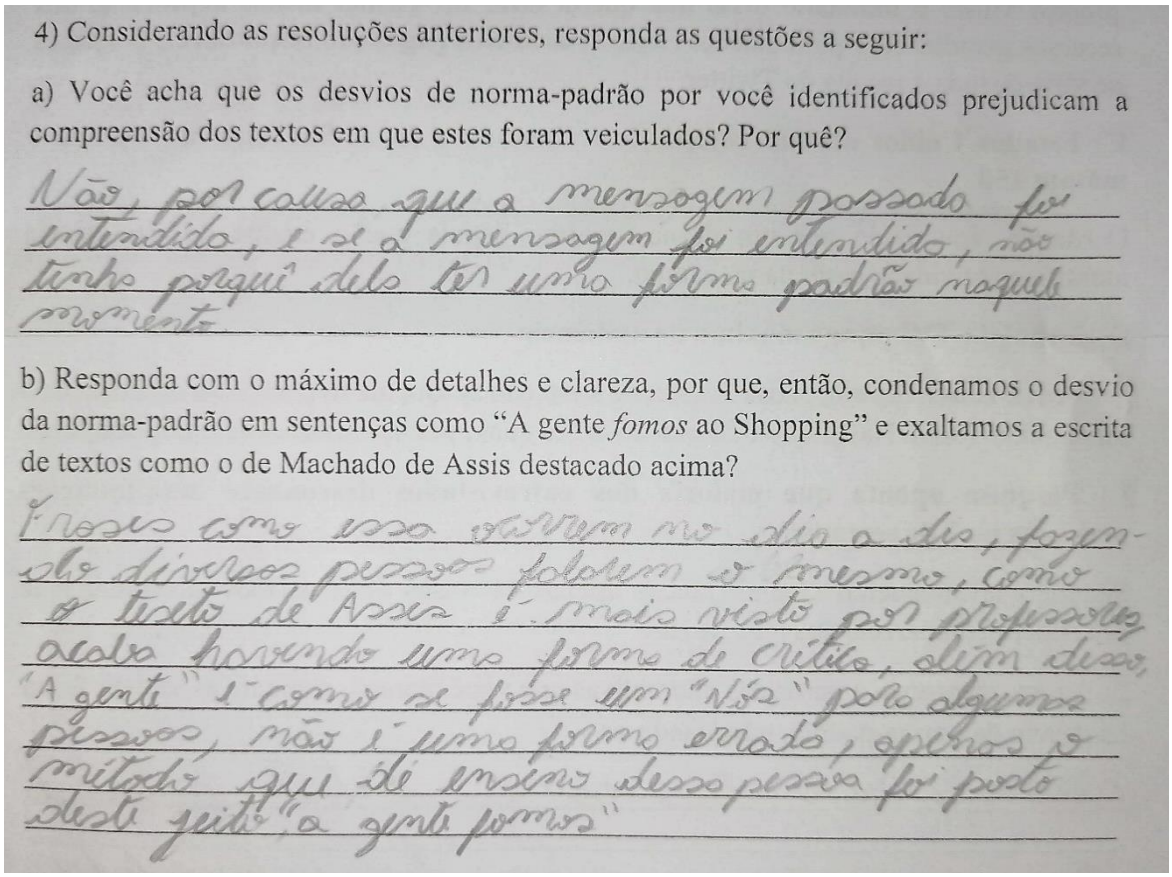
a) Você acha que os desvios de norma-padrão por você identificados prejudicam a compreensão dos textos em que estes foram veiculados? Por quê?

Não, por conhecer o português é possível compreender de maneira clara o que a pessoa quis dizer

b) Responda com o máximo de detalhes e clareza, por que, então, condenamos o desvio da norma-padrão em sentenças como "A gente *fomos* ao Shopping" e exaltamos a escrita de textos como o de Machado de Assis destacado acima?

Por causa do preconceito, muitos condenam o emprego do verbo no plural usado para "a gente", porem essa expressão faz sentido, pois o "a gente" se refere a mais de uma pessoa, por isso muitos colocam o verbo no plural logo após

Figura 8: Fotografia de uma resposta à questão 4. Fonte: Elaboração do autor, 2022.


4) Considerando as resoluções anteriores, responda as questões a seguir:

a) Você acha que os desvios de norma-padrão por você identificados prejudicam a compreensão dos textos em que estes foram veiculados? Por quê?

Não, por causa que a mensagem passada foi entendida, e se a mensagem foi entendida, não tinha porquê dela ter uma forma padrão naquele momento

b) Responda com o máximo de detalhes e clareza, por que, então, condenamos o desvio da norma-padrão em sentenças como "A gente *fomos* ao Shopping" e exaltamos a escrita de textos como o de Machado de Assis destacado acima?

Pessoas como essa estão no dia a dia, fazendo diversas pessoas falarem o mesmo, como o texto de Assis é mais visto por professores acaba havendo uma forma de crítica, além disso, "A gente" é como se fosse um "Nós" pois algumas pessoas, não é uma forma errada, apenas o método que de ensino dessa pessoa foi posto desta forma "a gente fomos"

Figura 9: otografia de uma resposta à questão 4. Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Esses resultados são muito pertinentes, pois privilegiam a discussão sobre o uso da língua, em detrimento da "decoreba" da regra, o que é extremamente necessário em uma educação que se propõe a afastar os preconceitos. Como afirma Rodrigues (2011) é tarefa do professor desconstruir a ideia de que o centro das aulas de LP tem de ser a gramática, porque essas próprias passam por mudanças devido à propriedade da língua de estar sempre se alterando a depender da necessidade dos seus falantes.

> Particularmente na área de Linguagens e suas Tecnologias, mais do que uma investigação centrada no desvendamento dos sistemas de signos em si, trata-se de assegurar um conjunto de iniciativas para qualificar as intervenções por meio das práticas de linguagem. A produção de respostas diversas para o mesmo problema, a relação entre as soluções propostas e a diversidade de contextos e a compreensão dos valores éticos e estéticos que permeiam essas decisões devem se tornar foco das atividades pedagógicas (BRASIL, 2017, p. 486).

Atividades como essa são muito mais eficientes em se tratando do ensino de LP. A BNCC (2017) postula, como citado acima, que o componente de língua deve tratar da investigação e compreensão das múltiplas possibilidades de práticas de linguagem. Considerar isso é ir além do que propõem os materiais didáticos comuns - as gramáticas - adotados pelas escolas, pois esses só focam no mero reconhecimento do código linguístico e suas regras de funcionamento, sem atender o amplo escopo das situações concretas de comunicação.

Este capítulo, pois, conferiu à pesquisa os resultados dos questionários, que tinham a finalidade de fazer os alunos refletirem sobre o uso de concordância verbal em textos de escrita formal, em que se pressupõe o domínio da norma-padrão. Os alunos perceberam, na reflexão, que, em vários casos, a alteração da CV não acarretou prejuízo de compreensão das mensagens. Eles pensaram sobre como, por exemplo, a noção de que a análise das regras da língua, baseando-se somente na escrita de autores clássicos, é insuficiente para compreender todo o fenômeno linguístico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este trabalho concretiza uma busca por uma abordagem diferente do que é comumente feito em sala de aula, realizando o recorte de um conteúdo específico do componente de língua: a concordância verbal. Carregando a ideia de se pensar – e repensar – a atividade docente no ensino de LP, a reflexão sobre práticas significativas de ensino é e se faz extremamente necessária. A ideia aqui é indagar sobre alternativas possíveis, considerando a resposta para essa reconstrução no ensino de gramática diretamente relacionada com a pesquisa nas teorias linguísticas, em especial o Funcionalismo.

Investigar os materiais didáticos, apontando no que eles falham e no que pode ser feito para os melhorar é uma atividade essencial para este objetivo. A verificação resultou no reconhecimento de padrões da perspectiva tradicional da gramática, possibilitando a identificação de formas estáticas que se contradiziam e estipulavam conceitos muito vagos dos fenômenos linguísticos. O que foi feito aqui atingiu resultados promissores, pois possibilitou a formulação de estratégias para se desvencilhar das unidades fechadas propostas por esses materiais.

Além disso, é necessário ao docente conhecer o cenário em que ele está trabalhando, entender sua turma e como ele pode guiá-los para uma formação frutífera. Entender como os alunos pensam a língua e o estudo dela é de extremo valor para se traçar estratégias e abordagens para propor uma reflexão sobre o fenômeno linguístico. A análise das produções textuais proporcionou subsídios fundamentais que possibilitaram à pesquisa entender como que os alunos pensam a concordância verbal e as hipóteses – conscientes e inconscientes – levantadas por eles na escrita desse fenômeno.

Ademais, aplicar um novo material que se encarregue de reunir essa construção de saberes, frente a um universo de formas gramaticais estáticas é um trabalho difícil, porém de suma importância. A aplicação dos questionários conflitou os alunos com gêneros - e títulos - que eles já estavam acostumados a considerar gramaticalmente “corretos” e os fez pensar em como essa noção é vazia, pois não analisa a língua em sua totalidade e pluralidade, reforçando preconceitos e exclusões. Fatores esses que os próprios alunos perceberam e debateram, a partir se seus próprios pontos de vista.

Por fim, é chegado à conclusão de que, primeiro, é possível – e necessário – repensar e reconstruir as práticas de ensino que se encontram desde muito tempo presas a ideias restritivas do que é “falar e escrever bem” o PB; e segundo, o Funcionalismo é uma área de pesquisa

extremamente valiosa para realizar essa reconstrução, pois busca analisar o fenômeno linguístico no seu mais concreto uso: a interação. Essa perspectiva engloba fatores intra e extralinguísticos, sem estabelecer noções de “certo” e “errado” e, assim, preconceitos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suarez. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília: MEC, 1998.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Gramática: texto, reflexão e uso**. São Paulo: Atual Editora, 2020.

CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. In: **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: **Funcionalismo e ensino de gramática**. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2016.

HUMBERG, Fabio. Concordância é o principal erro dos jornais. **ABERJE Associação Brasileira de Comunicação Empresarial**. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/?blog=concordancia-e-o-principal-erro-dos-jornais-voce-concorda>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neuza Terezinha. **Gramática: teoria e atividades**. São Paulo: FTD, 2014.

RODRIGUES, Tiago de Aguiar. **Buscando sentido para a pesquisa e o ensino de regência verbal: uma abordagem funcional-cognitiva**. Brasília, 2011.

SACCONI, Luiz Antonio. **Gramática básica**. São Paulo: Escala educacional, 2005.

SM EDUCAMOS. **Educamos linguagens: gramática 3**. São Paulo: Edições SM, 2020.

ANEXOS

Anexo 01

Preconceito interestadual

Atualmente, o preconceito linguístico ocorre devido as grandes diferenças que são existentes dentro do nosso país, isso ocorre devido as grandes diferenças regionais, onde cada estado regional possui seus dialetos, sotaques e suas próprias gírias que são desenvolvidas ao longo do tempo e que são adequados para o uso diário do povo que convive no estado, tanto que ao sair para outros estados, muitos deles sofrem vários preconceitos da população local.

Este preconceito se torna um dos mais praticados na atualidade e consequentemente se torna um grande propulsor para que seja gerado mais preconceitos, entre eles a exclusão social, isso ocorre devido aos nossos costumes, pois em um longo período em um estado diferente, podemos nos adaptar a sua linguagem, já que pode ser mudável e algumas pessoas não consegue se adaptar devido seus costumes primários, gerando uma “exclusão social” própria.

Em nosso país este preconceito é muito notório, por que vários individuos acham suas falas superiores a de outros estados, essas atitudes geralmente acontecem pelos sulistas que consideram suas falas superiores e melhor do que a nossa do norte/nordeste, este tipo de preconceito vai além de ser apenas linguístico, ele também causa vários tipos de preconceito que gera violência física, psicológica e verbal.

Existem várias formas de evitarmos estes preconceitos, oferecendo uma boa educação qualificada para as instituições públicas e nessas qualificações podemos aprofundar os estudos a respeito da sociologia das populações para que compreendemos o modo der ser de cada um e suas linguagens, para que tenhamos mais consciências em nossas atitudes e não causar os preconceitos linguísticos.

Anexo 02

Preconceito da linguagem

O povo nordestino sofre bastante pelo fato da sua fala, que na cidade grande é alvo de preconceito, a causa do preconceito lingüístico se trata de um jeito que a pessoa fala e que se for diferente já pode virar um alvo de preconceito e que pode afetar muito quem sofre esse ato que nos dias de hoje é algo inaceitável.

No reality show ´´Big Brother Brasil``, a participante Juliette foi alvo de preconceito lingüístico por outra participante chamada Karol Conká que fala com outro participante do jeito que ela fala, dizendo que ela fala gritando e que o jeito que ela fala é estranho, a participante Karol conká acabou tendo um ´´cancelamento`` por causa dessa atitude.

Esse preconceito lingüístico que aconteceu no ´´Big Brother Brasil`` foi algo bom, pois mostrou para o Brasil inteiro como esse preconceito ainda vive na nossa sociedade, e que deve acontecer algo para acabar com essa atitude que machuca muitas pessoas nordestinas como outras pessoas de outros estados que também tem o seu modo de falar diferente.

Deve se ter algumas idéias para que diminua esse atos,como: falar mais do assunto e também fazer publicações na internet mostrando como as pessoas que sofrem preconceito lingüístico se sentem, para que não se torne algo cada vez mais freqüente dentro da nossa sociedade que já não agüenta mais esses atos.

Anexo 03

Preconceito linguístico

Em vários lugares do mundo o preconceito linguístico ocorre infelizmente, isso é devido a gramaticalidade que apenas um nativo falante vá entender o que está sendo falado, sendo assim as pessoas que recebe visitante tende a ficar incomodado com pessoas que não entende o que está sendo falado ou com o modo no qual o indivíduo se comunica por também obter sua própria gramatica. Um dos principais debates no Brasil é a comparação de como um nordestino fala e de como uma pessoa de São Paulo se comunica, as diversas expressões leva as pessoas a começar debates entre si isso leva a fazer piadas maldosas. “Segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Ele está diretamente ligado a outros preconceitos (regional, cultural, socioeconômico etc...”. Sendo assim é nítido que o preconceito linguístico se tornou comum na sociedade, quando se anda pelas ruas movimentadas, da para se ouvir pessoas se corrigindo e indagando o que seria o significado da quela palavra ou expressão sendo assim acaba jugando essa pessoa que fala diferente, no meu ponto de vista isso ocorre mais entre a população mais velha que acaba não aceitando as diversas variações nas qual cabe a nos a aceitar cada uma delas. “Português é muito difícil”: os estudantes, principalmente, utilizam essa afirmação (falsa!) justamente por ter essas varias variações nas quais eles não sabem qual a certa ou a errada ou qual deve seguir além disso ficam

a todo momento querendo se corrigir ate que chega um momento em que eles mesmos acabam errando, isso poderia ser facilmente resolvido de maneira que em primeiro lugar a aceitação das diferenças pos dessa maneira a gente percebe que abre espaço para outros tipos de preconceito, em segundo lugar corrigir o que nem se quer esta errado e por isso acaba errando também é necessário a conscientização da população e do ensinamento nas escolas onde é nosso primeiro contato com a sociedade, existe vários casos de pessoas que já tiveram que imigrar de volta ao seu local pos seu modo de falar era motivo de piadas. O que é algo inaceitável nos dias atuais.

Anexo 04

Preconceito em linguagens normais

Preconceito linguístico é aquele preconceito que é feito sobre um grupo de pessoas que falam certa linguagem com o mesmo idioma, como por exemplo os nordestinos e mineiros que tem um certo jeito de falar e quando é botado em prática essa ação linguística desse povo, pessoas que não são daquele grupo principalmente os paulistas acham estranho e errado aquela maneira de se comunicar, tratando com desrespeito as variações linguísticas desse povo, que para eles estão corretas e que não tem nenhum erro gramatical no jeito deles se comunicarem e escreverem, eu não sei se tem haver mas também queria trazer em pauta o pronome neutro junto com palavras que são feitas pela comunidade LGBTQIA+ como elas se zoam entre si sem preconceito mas a partir do momento que uma pessoa cis que está fora da comunidade falando é errado, porque ele não passou por nada que uma pessoa não cis passou, para estar brincando sobre aquela tal coisa, e quanto a linguagem neutra eu acredito que ela seja uma linguagem mais que certa até porque se você não se identifica com nenhum dos gêneros feminino e masculino, uma nova forma de se referir para aquela pessoa deve ser mais que válida, para que continue uma convivencia boa com aquela pessoa seja não binaria, agenere e afins.

Essas formas de se chamar e se comunicar de diferentes partes do brasil e também do mundo, são formas daquele lugar de se expressar como no nordeste tendo o oxente, oxe, mainha e tudo mais, estão certas na gramática pelo fato de que esse povo para eles não estão errando aquela palavra como na pronúncia da palavra poste, se escreve poste e aqui no nordeste falamos poxte, e ainda está certo, porque ainda conseguimos entender a pronúncia da palavra logo, ela não está errada gramaticalmente.

Quanto a linguagem neutra como falei mais acima ela é uma linguagem totalmente válida para mim principalmente pois sou uma pessoa não binária e que passo por certas dificuldades com

pessoas errando pronomes por exemplo, como você ta vendo meu nome é XXXX e por ter um nome “masculino” me tratam com pronomes masculinos supondo, sem nem perguntar e é por isso que eu acredito que a linguagem neutra seja totalmente válida, eu não sei se na gramática ela está correta de se falar ou escrever, mas eu realmente não me importo, pois se uma pessoa se identifica e prefere os pronomes neutros, irei usar esses pronomes com ela para justamente continuar uma conversa.

A única coisa que acho errada é a aplicação de outras letras como o x e o @, pronome neutro justamente é pra englobar todos por isso o uso do e nas palavras o x e o @ não funcionam como pronome neutro pois elas não englobam todos como o e faz que é justamente a função dele como uma palavra que pessoa usam para se identificar, e também ressaltar que esse preconceito linguístico é presente em todo mundo e que ele ainda não foi abolido, então recomendo que pessoas hoje em dia procurem saber melhor sobre, porque a gente só ensina mesmo criança, gente que já estam velhas tem que procurar sobre mesmo, pra poderem respeitar os outros, seja com pronome neutro, seja com a forma de falar das regiões seja com tudo, a internet está ai justamente pra isso, para que essas pessoas consideradas que falam errado ou que são inválidas todos os dias, sejam representadas e mais aceitas na sociedade de hoje.

Anexo 05

Preconceito linguístico: existe uma forma “certa” e errada” de se usar a língua?

O preconceito linguístico é, de modo geral, a discriminação que certo indivíduo sofre pela forma que se comunica, seja por meio oral ou escrito, acreditando-se que quem não segue a risca a norma culta está usando o “português da forma errada”. Esse tipo de preconceito se encontra ligado a outros que são bastante presentes na nossa sociedade, como o social, socioeconômico e cultural, além de ser um impulsionador da exclusão social.

Primeiramente, acho importante ressaltar que a língua é mutável, ou seja, ela sempre se adapta com o tempo conforme as influências tecnológicas e culturais. Um ótimo exemplo disso é o uso de palavras de origem estrangeira em nosso dia a dia, como “deletar”, que é um aportuguesamento da palavra inglesa “delete”. Outro exemplo dessa mutação que a língua sofre é a variação linguística, por meio de gírias, sotaques e regionalismo. Portanto, o fato de alguém falar diferente não quer dizer que ele fala errado, pelo menos linguisticamente falando.

Dentro da linguística existe um conceito chamado gramaticalidade, uma característica da língua que possibilita um falante compreender o outro, compartilhando das mesmas correlações entre

significados. Então, por exemplo, falar “nós vai” não está, do ponto de vista gramatical, necessariamente errado, é algo que condiz mais com a questão social de quem fala. Desse modo, pessoas que são ricas e escolarizadas não são e/ou falam melhor do que pessoas pobres e analfabetas, dizer “nós vamos” não é melhor do que dizer “nós vai”, só são formas diferentes. Apesar de uma delas ter um maior prestígio social, no ponto de vista linguístico as duas cumprem a sua função de levar significado à quem ouve.

Anexo 06 - Questionário

Questionário – Concordância Verbal

1) Leia com atenção os títulos e os trechos das notícias abaixo e marque aqueles em que você acha que há desvio de norma-padrão em alguma ocorrência de concordância verbal.

A) **Carta aberta pede que jornais sejam mais transparentes...**

[...] Uma carta aberta assinada por dezenas de organizações jornalísticas profissionais, ONGs e sindicatos pede que o Prêmio Pulitzer demande que redações participe pesquisa anual de diversidade (ou similares) News Leaders Association’s (Associação de Novos Líderes, em tradução livre) até 2024 para que possam concorrer aos prêmios de jornalismo.

B) **Compra do Twitter: tudo o que Elon Musk quer levar para a rede social**

[...] Em uma série de tuítes postada após a compra da rede social e depois apagada pelo próprio Musk, o bilionário disse que queria fazer do Twitter menos dependente dos recursos gerados com publicidade. Hoje, os anúncios pagos são responsáveis por cerca de 90% de toda a receita do Twitter.

C) **Estados Unidos atacam campo de treinamento do Al-Shabaab na Somália e matam 150**

O ataque, conduzido por um drone, ocorreu depois que a equipe de inteligência identificou atividade suspeita no campo.

D) **Jornal da TVI atinge máximo de audiência**

A troca de acusações entre José Sócrates e a estação de Queluz tiveram uma consequência imediata: o 'Jornal Nacional - 6.ª Feira' foi visto quase por 1,4 milhões de telespectadores.

E) **Pesquisa aponta que maioria dos entrevistados desconhece manifestações previstas no 7 de setembro**

Segundo levantamento Genial/Quaest, apenas 11% dos entrevistados afirmaram que pretendem comparecer aos atos de rua.

2) Agora, reescreva, a partir das alternativas que você marcou, somente as sentenças em que há desvio da norma-padrão, adequando-as.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3) Leia este trecho da primeira edição (1899) da obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

“A pequena era graciosa e gorducha, faladeira e curiosa. Os paes, como os outros paes, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltávamos á noite para a Gloria, vinhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las matassem...”

- A concordância do verbo “matar” está de acordo com as regras descritas pela norma-padrão? Por quê?

_____
_____
_____
_____

4) Considerando as resoluções anteriores, responda as questões a seguir:

a) Você acha que os desvios de norma-padrão por você identificados prejudicam a compreensão dos textos em que estes foram veiculados? Por quê?

_____
_____
_____
_____

b) Responda com o máximo de detalhes e clareza, por que, então, condenamos o desvio da norma-padrão em sentenças como “A gente *fomos* ao Shopping” e exaltamos a escrita de textos como o de Machado de Assis destacado acima?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____